

A Liahona abril 1970





Mensagem de Inspiração

Harold B. Lee
da Primeira Presidência

Os jovens de hoje são as crianças de ontem e os pais das crianças de amanhã. O que o jovem é hoje depende em grande parte do que aprendeu como criança, e as lições de hoje transformar-se-ão nos feitos de amanhã...

O apóstolo Paulo, salientou o grande valor de um bom nome e de uma nobre herança em sua missiva a Timóteo, a quem tratava de "meu amado filho", dizendo: "Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti." (2 Timóteo 1:5) O jovem que vem a se afastar de um bom lar, torna-se descuidado e instável, mas se os ensinamentos maternos de sua infância tiverem sido inculcados em seu coração, retornará a êles em busca de segurança, como o navio volta ao pôrto seguro quando há tormenta.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Harold B. Lee	2
Jovens, Guardai o Que Vos Foi Confiado. Pres. David O. McKay	3
A Nova Primeira Presidência. Informe Especial	5
Sobre Êstes Princípios. Marion D. Hanks	10
Prioridades. Reed H. Bradford	14
Se Não Tivermos Padrões. Richard L. Evans	17
Pernas de Pau. Hazel Swanson	18
Tempestade. Lucile Reading	21
A Escolha da Carreira. John H. Vandenberg	22
O Toque Pessoal. Hoyt W. Brewster, Jr.	23
O Julgamento de Jesus. Dallin H. Oaks	26
Receita para os Anos '70. Mabel Jones Gabbott	28
Tôda Hora é Hora de Orar. Víctor B. Cline	30
Notícias.	32
Salvação do Casamento. Richard L. Evans	36

Capa

O Presidente Joseph Fielding Smith, escolhido após a morte do amado Presidente David O. McKay em janeiro passado para atuar como Presidente da Igreja e Profeta do Senhor, é um homem preparado, por anos de serviços prestados à Igreja, para a alta posição que ora ocupa. O nosso artigo de capa dêste mês apresenta aos membros da Igreja o nôvo Presidente e seus conselheiros, Presidentes Harold B. Lee e Nathan Eldon Tanner.

A^{23/4} Liahona¹⁹⁷⁰

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Redator Regional
Ferrer da Costa

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215
CP 862, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Redator Regional
Richard K. Mathews

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RGS
Tel. 24-9748

Redatôra Regional
Wilma Bing Torgan

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Redator Regional
Walmir Silva

Missão de Construção Geral
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Redator Regional
Manoel Marcelino Netto

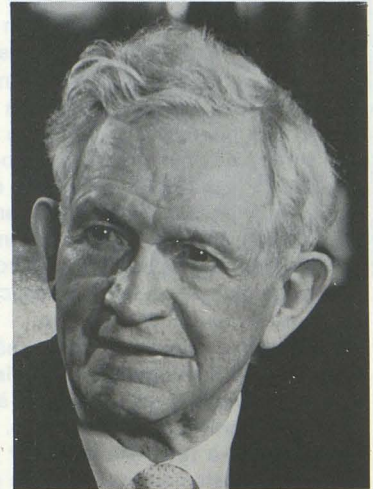
Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatores regionais são de responsabilidade dêles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 1,00; exemplar atrasado: NCr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Jovens, Guardai o que vos Foi Confiado



Presidente David O. McKay

Ninguém despreze a tua mocidade," disse Paulo numa carta ao seu jovem companheiro de missão, Timóteo, "mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (1 Timóteo 4:12)

Paulo e os líderes da Igreja daquela dispensação como nós nesta dispensação da plenitude dos tempos já conheciam e não duvidavam da força, coragem e convicções da juventude.

Encerrando a epístola, Paulo rogava:

"Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado..." (1 Timóteo 6:20)

Todo homem e toda mulher recebe algo que lhe é confiado para guardar. "Merecer confiança é maior honraria do que ser amado," afirmou sàbiamente alguém.

Todos os dias, alguns atos requerem coragem natu-

ral. Possam todos os nossos atos ser temperados pela coragem moral. As páginas da história rutilam com os relatos de homens leais que, diante de dificuldades e mesmo da morte, guardaram o que lhes foi confiado: José no Egito, resistindo à austeridade da mulher de Potifar; Daniel perante os governantes ímpios da Babilônia; Pedro e João diante do Sinédrio; Paulo, algemado, perante Agripa; Joseph Smith na prisão, silenciando os guardas blasfemadores — êstes e mais dezenas de milhares de outros líderes da humanidade exemplificam a fortaleza necessária para guardar o tesouro "que te foi confiado".

A maior parte dos dons preciosos que nos são confiados vem-nos sem que para isso nos tenhamos esforçado e às vezes até sem merecimento de nossa parte. A própria vida é um dom, como também o corpo vigo-

roso e a mente sadia. A saúde é riqueza, e no entanto algumas pessoas a malbaratam tão insensatamente quanto o filho pródigo da parábola.

O corpo sadio favorece a mente lúcida. A saúde orgânica e a paz mental contribuem para felicidade. O cavaleiro que porventura fustigasse e maltratasse um impetuoso cavalo puro-sangue, tê-lo-íamos por insensato, ou então o julgaríamos ignorante ou maldoso, prestes a arruinar um animal de raça. O mesmo ocorre com aquele que maltrata seu jovem sistema nervoso com estimulantes ou defrauda sua consciência com secretos atos pecaminosos. Vigor e capacidade são nos dados em sagrada confiança.

Rapazes e moças às vezes são levados a transigir por amor à popularidade. Aquêles que continuamente procura "comprar" popularidade às custas da saúde e do próprio caráter é um insensato. Na verdade, o homem que se rende à tentação para ser popular entre os amigos, perde exatamente aquilo que procura, ao passo que o rapaz que mantém seus padrões é respeitado.

Outro bem que nos é confiado sem esforço de nossa parte é o bom nome. Conservar imaculado e impecável esse bom nome herdado é uma das maiores responsabilidades dos jovens.

Uma das mais louváveis admoestações feitas aos moços é esta: Resguarda o bom nome que te foi confiado. Eu desejaria que todo jovem pudesse sentir a responsabilidade de ser filho.

A terceira obrigação confiada a nosso cuidado e guarda é a boa reputação da Igreja. Um membro da Igreja não pode praticar qualquer ato público sem lançar reflexos sobre toda a congregação. A igreja que produz os mais nobres homens e mulheres é a que sobreviverá neste mundo. Temos recebido os benefícios proporcionados pela Igreja; ela sempre nos tem ajudado. Agora temos a responsabilidade de auxiliá-la. Ela nos pede, como retribuição, que tenhamos masculinidade e feminilidade suficiente para sustentar seus padrões em meio à oposição. Estes padrões estão maravilhosamente resumidos na 13.^a Regra de Fé:

"Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos."

É-nos confiado ainda outro dom de Deus, embora nos seja dado somente se o buscarmos pessoalmente e vivermos uma vida reta. É a convicção e certeza da divindade de Cristo.

Na história de Jó temos o relato da vida de um homem a quem Deus concedera todas as bênçãos desejá-

veis. Possuía um belo lar, filhos e filhas dignos, vastas e férteis terras, grandes rebanhos e muitos servos para dêles cuidar. Dispunha de muitas posses, tinha numerosos amigos e boa reputação. Era honrado pelos homens e favorecido por Deus. Então, súbitamente, todas essas coisas lhe foram tiradas; pela morte e pelo fogo, e por incursões dos sabeus e caldeus perdeu rebanhos e servos. Forte vendaval matou seus filhos e filhas. Êle próprio foi atingido por uma enfermidade repugnante, tão repugnante que procurava isolar-se dos demais e, sentado num monte de cinzas, raspava as chagas com um caco de cerâmica. Viu-se até mesmo privado do consolo de sua esposa que lhe disse "amaldiçoa a Deus e morre". (Jó 2:9)

Contudo, Jó ainda possuía uma coisa que nem os ladrões, nem o fogo, as tempestades ou a própria morte lhe poderiam tirar — seu testemunho do Deus vivente. Em meio às suas aflições e na presença dos pretensos "confortadores", êle clamou:

"Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

"E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

"Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim." (Jó 19:25-27)

Um tal testemunho é o maior dom da vida. Não pode ser encontrado na indolência, mas na industriiosidade; não na desonestidade, mas no procedimento correto; não na indulgência, mas no auto-domínio; não na embriaguez, mas na temperança; não na libertinagem, mas na castidade; não no ódio, mas no amor; não nas dúvidas e temores, mas na fé. É encontrado na promessa de Jesus: "Se alguém quiser fazer a vontade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo por mim mesmo." (João 7:17)

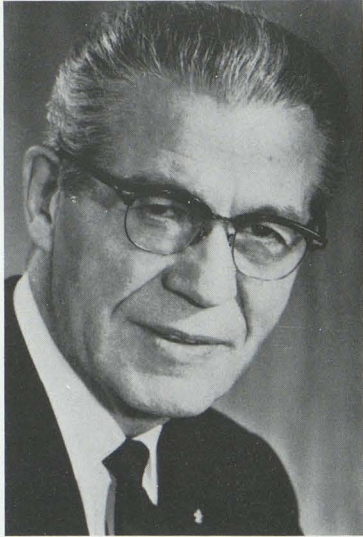
Essa certeza de que a aplicação dos princípios do Evangelho trará paz e felicidade a um mundo convulso, de que o Evangelho de Jesus Cristo foi restaurado sobre a terra em toda a sua plenitude, deve ser entesourada como a "pérola de grande valor." (Mateus 13:46)

Enumerei aqui apenas uns poucos dos bens confiados aos jovens da nossa Igreja — o dom da saúde, o valor de um bom nome, as bênçãos e oportunidade, proporcionadas pela Igreja, e os caminhos, meios e oportunidades para se conseguir um testemunho da existência de Deus, da missão divina de seu Filho amado, e da restauração do Evangelho de Jesus Cristo.

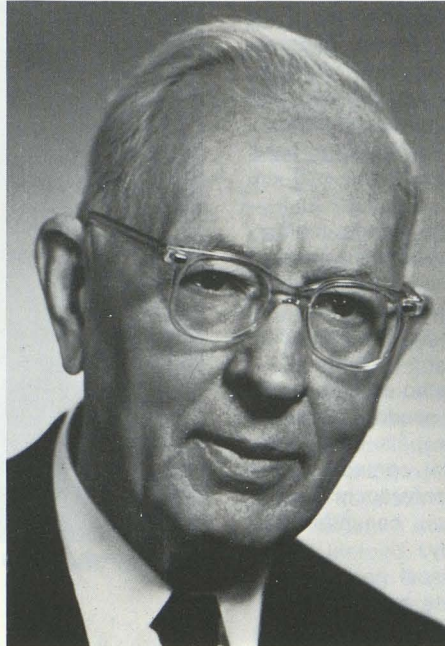
Com êsses dons e responsabilidade confiados à nossa guarda, queremos parafrasear a admoestação de Paulo:

"Ó juventude, guarda o depósito que te foi confiado!"

Que Deus conceda a força de assim fazerem, é a minha constante oração.



Harold B. Lee, primeiro conselheiro.



O nôvo Profeta e Presidente da Igreja
Joseph Fielding Smith



N. Eldon Tanner, segundo conselheiro.

A Nova Primeira Presidência

Informe Especial

A 23 de janeiro de 1970, após a morte e o funeral do Presidente David O. McKay, foi escolhido o nôvo Profeta do Senhor e Presidente da Igreja: Joseph Fielding Smith, nonagenário (93 anos) ex-Presidente do Conselho dos Doze, um homem cuja longa vida tem sido um amplo preparativo para o elevado chamado que ora desempenha. Colocamo-nos em respeitosa admiração diante da presença dêste venerável servo de Deus pela notável maneira como o Senhor o tem preservado, pelas altas posições que ocupou e agora ocupa na Igreja, pelos muitos anos que serviu como Autoridade Geral, pelas dezenas de milhares de quilômetros que viajou a serviço do Senhor, pelo seu grande conhecimento das Escrituras, pelos numerosos sermões sôbre o Evangelho que tem proferido, pelos muitos livros importantes e artigos que escreveu e, acima de tudo, pela sua resoluto, decidida e firme devoção ao Senhor e à Igreja.

Foram escolhidos como seus conselheiros os irmãos Harold B. Lee, Primeiro Conselheiro, e N. Eldon Tanner, Segundo Conselheiro.

Harold B. Lee nasceu em 28 de março de 1899, em Clifton, Idaho, filho de Samuel M. Lee e Louisa

Bingham Lee. Juntamente com seus irmãos e irmãs, foi criado na fazenda da família.

Era diretor de uma escola em Oxford, Idaho, quando recebeu um chamado para servir na Missão dos Estados do Oeste, em 1920. Esposou Fern Lucinda Tanner em 1923. Tiveram dois filhos. Quando ela faleceu em 1962, êle casou-se com Freda Joan Jensen. Em 1932 foi designado Comissário de Salt Lake, cargo para o qual foi posteriormente eleito.

Entrementes, serviu fielmente à Igreja e em 1930 foi chamado para Presidente da Estaca Pioneer. Sob a sua liderança esta estaca foi realmente pioneira, inaugurando um programa de bem-estar que tornou-se modelo para tôda a Igreja quando, em 1936, a Primeira Presidência convidou-o a tornar-se diretor-gerente em tempo integral do Programa de Bem-Estar da Igreja. Ocupava ainda esta posição quando, em abril de 1941, foi chamado para o Conselho dos Doze. Como apóstolo, exerceu magnificamente sua liderança, sempre levando sôbre os ombros o pesado fardo da responsabilidade.

O Presidente Lee tem sido sempre um grande defensor e campeão da juventude.

N. Eldon Tanner, segundo conselheiro da Primeira

Presidência, nasceu entre os trigais das colônias SUD do Canadá. Seus pais, Nathan William Tanner e Sarah Edna Brown Tanner, passaram a lua de mel viajando numa carroça coberta até o Canadá. Lá tiveram que vender os cavalos para poderem comprar alimentos. Sua mãe retornou, pouco depois, a Salt Lake City, para dar à luz o seu primeiro filho, Nathan Eldon, a 9 de maio de 1898.

Eldon foi criado no ambiente rural, tendo muitas vezes guiado o arado puxado por bois. Aprendeu a amar as criações de Deus, especialmente o seu próximo. As oportunidades de educação eram escassas.

Esposou Sara Isabelle Merrill em 20 de dezembro de 1919. São pais de cinco filhas.

Foi designado assistente do Conselho dos Doze na conferência geral de outubro de 1960, sendo designado logo após para presidir a Missão Européia Ocidental. Na conferência de outubro de 1962 foi apoiado como membro do Conselho dos Doze e na conferência de outubro do ano seguinte foi escolhido para segundo conselheiro do Presidente David O. McKay.

Referindo-se à sua orientação pessoal para a vida, disse êle: Nada há mais grandioso neste mundo do que a capacidade de poder orar ao Senhor e saber que êle responde às nossas orações e que nos deu o plano de vida e de salvação."

O Presidente Joseph Fielding Smith completará 94 anos de idade no próximo dia 19 de julho. É a mais idosa pessoa que jamais serviu como presidente do Conselho dos Doze, nesse conselho permaneceu por mais tempo do que qualquer outro homem nesta dispensação, tendo sido ordenado apóstolo e designado como membro do conselho em 7 de abril de 1910, quatro anos após o Pres. McKay ter recebido um chamado semelhante. É o único homem que serviu ao mesmo tempo como presidente do Conselho dos Doze e como conselheiro da Primeira Presidência.

Quando nasceu em 1876, num lar pioneiro de Salt Lake City, fazia apenas 29 anos que os santos estavam naqueles vales, e Brigham Young ainda era o Presidente da Igreja. Foram tempos de dura provação durante os quais o jovem Joseph familiarizou-se com a pobreza e aprendeu engenhosidade, paciência e as abençoadas disciplinas do trabalho duro e da frugalidade ao labutar com seus irmãos numa fazenda em Taylorsville, cuidar do gado nas proximidades do Rio Jordão e lutar para educar-se. Dêsses tempos difíceis recorda-se seu pai: "... vivíamos em penúria lutando com tôdas as nossas forças para nos mantermos. Nessas desencorajadoras condições, numa véspera de Natal, deixei o velho lar com sentimentos que não posso descrever. Desejava algo para os meus meninos. Queria algo para agradá-los, algo que destacasse o dia de Natal dos demais dias, mas não tinha um tostão no bolso! Percorri de cima abaixo a Rua Principal, olhando as vitrinas até na da Joalheria Amunssen olhei, e nas de tôdas as outras lojas, por tôda parte e então, furtando-me da vista de outras pessoas, sentei-me e chorei como uma criança, até que o meu desabafo aliviou meu coração dolorido. Após uns momentos, voltei para casa, de mãos tão vazias como quando a deixara..."

Mas a adversidade torna fortes os bons e grandes os homens fortes. E os Smiths tinham a riqueza da tra-



Pres. Joseph Fielding Smith e sua esposa, Jessie Evans Smith.

dição e da nobreza, da devoção e da fé, que os susteve. O pai do Pres. Smith, Joseph F., era filho de Hyrum Smith, martirizado ao lado do seu irmão Joseph, o Profeta, na prisão de Carthage. Aos oito anos de idade, guiou uma junta de bois de Montrose, na margem oeste do Mississippi, até o Rio Missouri. Então, dois anos mais tarde, aos nove anos, guiou uma junta de bois através de mil e seiscentos quilômetros de pradarias e montanhas até o Vale do Lago Salgado, onde faleceu sua mãe quando êle contava 13 anos. Subsequentemente, aceitou um chamado para servir em missão no Havaí com apenas 15 anos de idade. Serviu numa segunda missão no Havaí, duas missões na Inglaterra e um período como presidente da Missão Européia antes de ser chamado para a Primeira Presidência. Tornou-se presidente da Igreja em 1901. A seu respeito foi escrito: "Não foi somente um grande pai e um poderoso pregador da justiça, mas também tipificou nossa mais elevada concepção de um verdadeiro homem — um homem cujas convicções estavam apoiadas pela lealdade e consagrada devoção à verdade que jamais foi desafiada por amigo ou inimigo." (Bryant S. Hinckley, "Joseph Fielding Smith," **The Improvement Era**, junho de 1932, pp. 458-9)

Aos pés dêsse nobre e grande homem, e de uma igualmente maravilhosa e espiritual mãe, Julina Lambson Smith, o jovem Joseph Fielding desenvolveu a fé e o amor pelo Senhor e pela Igreja. Seus alicerces nos princípios do Evangelho e tudo quanto é correto e verdadeiro foram lançados cêdo e sólidamente, e êle cresceu em poder com o passar dos anos.

O trabalho de Joseph Fielding Smith na Igreja tem sido monumental. A Igreja tem sido a sua vida o tempo todo. Como missionário, como historiador, como secretário, diretor e presidente da Sociedade Genealógica, como membro de junta geral, como presidente de templo, como autor e editor, como educador, como homem de emprêsa, como membro do Conselho dos Doze, como presidente dêsse conselho e como conselheiro



Os Presidentes, Lee, Smith e Tanner, falam sobre seus chamados em recente conferência com a imprensa.

da Primeira Presidência, tem incansavelmente devotado todos os seus esforços ao progresso da obra do Senhor.

A vida do Presidente Smith estende-se da era dos carroções cobertos à dos grandes jatos. Já proferiu bem mais de uma centena de discursos em sessões das conferências gerais, e poderá ter participado de umas cinco mil conferências de estaca. Esteve presente a nove dedicações de templos: Saint George, Salt Lake, Hawaii, Alberta, Arizona, Idaho Falls, Los Angeles, Londres e Oakland; e já excursionou por mais de uma dúzia de missões.

Ao aproximar-se o seu nonagésimo quarto aniversário, vive com sua amada esposa Jessie Evans Smith num modesto apartamento do qual pode atingir facilmente, a pé, o Edifício dos Escritórios da Igreja. Encontrando tempo entre as inumeráveis reuniões, compromissos, entrevistas e designações, poderá ser geralmente visto estudando as Escrituras ou sentado à máquina de escrever redigindo cartas ou respondendo a perguntas sobre questões doutrinárias.

Seria bom se todos os membros da Igreja pudessem conhecê-lo como o conhecem os que vivem ao seu redor. Para muitos poderá parecer duro e obstinado, e o é mesmo em se tratando de verdades e direitos. Com ele não há indulgências com a Palavra de Deus. Verdade é verdade e os mandamentos de Deus não podem ser postos de lado ou facilitados. O que foi dito de seu pai, pode ser dito d'ele: Um homem cujas convicções estão apoiadas pela lealdade e consagrada devoção à Igreja que jamais foi desafiada por amigo ou inimigo. O Presidente Smith crê que o que o Senhor disse ou revelou por meio dos seus profetas não pode ser alterado meramente para adequar-se às conveniências ou aos desejos dos homens. Aceita literalmente e completamente todos os princípios do Evangelho restaurado sem hesitação ou vacilação, sem discussão ou transigência. Como Josué, exclama: "... eu e a minha casa serviremos ao Senhor." (Josué 24:15).

Mas existem outras facetas de Joseph Fielding

Smith que os membros da Igreja em geral não tem oportunidade de conhecer. Desconhecendo-se estas outras virtudes, tender-se-ia a ter uma imagem distorcida d'este grande homem. Consideremos brevemente algumas:

É um marido, pai e avô bondoso, amoroso e devotado. Todos os seus cinco filhos homens serviram em missão, e todos os seus filhos e filhas casaram-se no templo. Referindo-se a eles, o Presidente disse: "Sou pai de onze filhos, e até o dia de hoje todos são membros fiéis da Igreja, e são ativos, pois assim foram ensinados e foram obedientes. Pertencerão a mim para sempre, e serão as pedras angulares do meu reino."

Entre os seus 111 descendentes, há 29 netos, 29 netas, 21 bisnetos e 21 bisnetas. Treze dos seus netos já cumpriram missão e todos os vinte netos que se casaram o fizeram no templo. O élder Richard L. Evans, que conhece intimamente a família, escreveu: "A fidelidade e a devoção desta família e a sua cidadania honesta e reta são tributos ao seu pai e às mães que em fé partilharam suas primeiras instruções e ensinamentos." (Richard L. Evans, "Joseph Fielding Smith" (**The Improvement Era**, setembro de 1951, p. 687).

Um sábado vizinho à data de aniversário do Presidente Smith é sempre reservado para sua família. Nesses dias felizes, os membros da família reúnem-se num parque em Salt Lake City e brincam, conversam, cantam e comem juntos.

Um dos importantes acontecimentos dessa ocasião são os conselhos e os presentes que o Vovô Smith distribui a todos. Esta nova técnica de presentear seus descendentes no seu próprio aniversário elimina o problema de ter que se lembrar de 111 aniversários todos os anos.

Nas suas designações na Igreja, o Pres. Smith é quase sempre acompanhado por sua devotada companheira Jessie, que abandonou uma promissôra carreira lírica para dedicar-se ao que diz ela ser o mais importante trabalho da sua vida: ser esposa de Joseph Fielding Smith. Sua vivacidade mental, sua natureza jovial, sua brilhante disposição, seu contagiante sorriso são suas tônicas constantes e ajudam a aliviar as muitas tensões e pressões. Frequentemente partilha das designações oratórias do marido e responde com boa disposição e prontamente a qualquer pedido que receba para cantar (é solista no Côro do Tabernáculo). Também o Pres. Smith tem boa voz, e é uma alegria vê-los e ouvi-los assentarem-se juntos ao piano e cantarem em dueto.

Embora seja bastante conhecido na Igreja como autor de muitos livros, não é tão conhecido como autor de quatro letras para hinos da Igreja. Seu hino "Does the Journey Seem Long?", com música de George D. Pyper foi recentemente apresentado em radioemissão nacional pelo Côro do Tabernáculo. Outro de seus hinos, "We Are Watchmen on the Tower of Zion," com música de Alexander Schreiner, foi cantado pelo Côro do Tabernáculo, tendo A irmã Smith se apresentado como solista, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do Templo de Oakland, em 1963.

É um casamento feliz, com amor, respeito e harmonia sempre em evidência. Referindo-se ao marido, disse Jessie recentemente: "Homem mais atencioso e de maior bondade jamais viveu. Jamais contrariou-me ou

disse-me algo maldoso." A êste comentário replicou o Presidente: "Ela jamais fez algo que me fizesse contrariá-la."

O Presidente Smith tem um deleitoso e refrescante senso de humor, como todos os que o conhecem o testificarão. Na parede da cozinha colocou uma placa com os seguintes dizeres: "As opiniões expressas pelo dono da casa não são necessariamente as da gerência."

"Esta casa tem uma boa gerente," assegurou o Pres. Smith à sua espôsa. "Sim," replicou ela, "mas a gerente conhece o seu lugar. Ainda no último verão quando fui ao seu escritório para ajudá-lo enquanto a sua secretária estava em férias, êle bateu-me no ombro e disse: 'Mamãe, querida, lembre-se de uma coisa, Aqui não é você o orador da família.'"

Durante tôda a sua vida o Pres. Smith tem sido um ávido fã esportivo. Na sua juventude jogou baseball e outros jogos quando lhe sobrava tempo. Aprendeu a nadar nas negras águas de um rio vizinho. Por muitos anos jogou handebol regularmente com grande habilidade. Aprecia qualquer tipo de jogo de bola. Alguns dos seus filhos e netos destacaram-se como atletas.

A devoção e o afeto existentes entre o Pres. McKay e o Pres. Smith era algo magnífico de se ver.

Há poucos anos, quando o Pres. McKay foi hospitalizado, pediu que notificassem aos seus conselheiros e a Joseph Fielding Smith para que pudessem vir administrar-lhe. O Pres. Smith estava em uma conferência de estaca que se realizava em Lewiston, Idaho, ao receber a notícia. Tão logo terminou a sessão matinal, saiu e viajou de automóvel a noite tôda, chegando às três horas da tarde. Ao encontrarem-se êstes dois servos do Senhor, abraçaram-se e beijaram-se chamando-se um ao outro pelo nome com afeição.

A consistência é uma virtude muito elevada, e Joseph Fielding Smith tem sido consistente durante tôda a vida em suas crenças e em seus ensinamentos. O que um biógrafo escreveu a seu respeito há 34 anos ainda se aplica tão bem a êle agora como quando saiu da sua habilidosa pena: "Uma das mais marcantes lições de tôda a história é a de que a justiça exalta uma nação, mas o pecado é o opróbrio de todo povo." Joseph Fielding Smith é um cruzado contra a iniquidade e contra a violação de qualquer princípio que venha a trazer remorso ou desconforto sôbre o povo. Ama a humanidade e tem uma sublime fé no poder salvador dos princípios que prega. Todos os seus esforços estão fundamentados num arraigado desejo de ajudar a humanidade. Ninguém que o compreenda poderá, nem por um só momento, colocar em dúvida a retidão das suas intenções nem a sabedoria das palavras que profere.

"As pessoas refletidas não podem ter fé na permanência de qualquer civilização, igreja ou organização se a depravação prevalecer entre os membros que a compõe. Êste é o cerne da sua mensagem, o motivo de tudo quanto diz.

"Joseph Fielding Smith é forte nas virtudes comuns que alicerçam tôda vida sólidamente edificada é honesto, benevolente, responsável e temente a Deus, robusto no intelecto, vigoroso no corpo, claro em suas convicções, intransigente em seus propósitos, sólido em seus pensamentos, puro e elevado em seus objetivos, com doçura e simplicidade permeando tudo o que mar-



Os novos líderes da Igreja em reunião.

ca um caráter nobre. Possui dons que eminentemente o capacitam para o grande ofício apostólico que detém e honra." (Hinckley, *op.cit.*, p. 461)

Em 1966, o Pres., McKay e seus então conselheiros Hugh B. Brown e N. Eldon Tanner disseram de Joseph Fielding Smith: "O ter executado qualquer designação, pequena ou grande, ganhou-lhe a confiança de todos os que conheceram seu trabalho. Sem queixa, viajou por terras e mares, indiferente ao seu conforto pessoal, para promover a causa do Senhor. Seu período de serviço estende-se da era do lombo de burro à dos grandes jatos, e em ambas sentiu-se à vontade. Poucas são as pessoas que, além dêle, possuíram um conhecimento tão amplo e profundo da Igreja e suas doutrinas. Tem sido um erudito como poucos e seus escritos têm fortalecido a fé em muitos em todo o mundo.

"Sua lealdade à liderança da Igreja tem sido constante. Tem apoiado os irmãos em tôdas as emprêsas. Ninguém jamais foi mais leal ao Presidente da Igreja. Todos cujo trabalho êle dirige dão testemunho de sua bondade e consideração. Dêle pode-se dizer que como líder jamais pediu a qualquer pessoa para fazer algo que não estivesse disposto a fazer êle mesmo.

"Um homem de ternura, de coragem, de ação decisiva, alerta em manter os padrões da Igreja, pronto a perdoar os que erraram e verdadeiramente se arrependeram — estas são algumas de suas melhores qualidades. Nêle há uma paz que sugere santidade, a certeza que vem do testemunho do Espírito, a inabalável fidelidade que vem da auto-disciplina."

Os que o têm ouvido em oração, frequentemente ouviram-no usar a frase: "Fiel e verdadeiro". Estas palavras epitomizam a sua vida.

O Presidente Smith verdadeiramente possui as qualidades e dons que o capacitam a servir como líder do reino de Deus sôbre a terra. Os membros da Igreja de todos os lugares dão-lhe boas vindas e o apoiam como Profeta de Deus.

Alguns Eventos Importantes na Vida do Presidente Joseph Fielding Smith

- 1876 Nasce em Salt Lake City a 19 de julho
- 1898 Designado para a junta da AMM da Estaca de Salt Lake City
- 1898 Esposa Louise E. Shurtliff (falecida em abril de 1908)
- 1899—1901 Missão nas Ilhas Britânicas
- 1901—1910 Missionário em Salt Lake City
- 1903 Publica "Asael Smith of Topsfield, with Some Account of the Smith Family"
- 1903—1919 Membro da Junta Geral da AMM dos Rapazes
- 1903 Publica "Blood Atonement and the Origin of Plural Marriage", (com Richard C. Evans da Igreja Reorganizada)
- 1904 Torna-se membro do Sumo Conselho da Estaca de Salt Lake
- 1906 Designado historiador da Igreja assistente
- 1907 Publica "Origin of the 'Reorganized' Church and the Question of Succession"
- 1907 Nomeado secretário e diretor da Sociedade Genealógica de Utah
- 1908 Esposa Ethel G. Reynolds (falecida em novembro de 1937)
- 1909 Nomeado bibliotecário e tesoureiro da Sociedade Genealógica de Utah
- 1910 Ordenado apóstolo, torna-se membro do Conselho dos Doze
- 1910 Torna-se primeiro editor associado e gerente administrativo do periódico "The Genealogical and Historical Magazine"
- 1912 Publica "Salvation Universal"
- 1912 Designado para a Junta Administrativa da Universidade Brigham Young
- 1915 Torna-se conselheiro da presidência do Templo de Salt Lake
- 1917 Torna-se membro da junta de educação da Igreja
- 1921 Torna-se historiador da Igreja
- 1922 Publica "Essentials in Church History"
- 1924 Publica "Elijah the Prophet and His Mission"
- 1927 Publica "Lessons on Salvation for the Dead, Genealogy and Temple Work"
- 1931 Publica "Way to Perfection" (Traduzido para o português com o título "O Caminho da Perfeição")
- 1934 Nomeado Presidente da Sociedade Genealógica
- 1936 Publica "The Progress of Man"
- 1938 Publica "Life of Joseph F. Smith"
- 1938 Publica "Teachings of the Prophet Joseph Smith"
- 1938 Esposa Jessie Ella Evan
- 1939 Excursiona pelas missões europeias da Igreja e supervisiona a evacuação de todos os missionários SUD norte-americanos da Europa (exceto das Ilhas Britânicas)
- 1942 Publica em alemão "Princípios do Evangelho Restaurado"
- 1942 Publica "The Sign of the Times"
- 1944 Publica "The Restoration of All Things"
- 1945—1949 Presidente do Templo de Salt Lake
- 1951 Recebe o grau honorário de doutor em letras da Universidade Brigham Young, 4 de junho
- 1951 Torna-se presidente do Conselho dos Doze, abril
- 1953 Publica "Church History and Modern Revelation" (dois volumes)
- 1954 Publica "Man, His Origin and Destiny"
- 1954 Publica "Doctrines of Salvation", primeiro volume
- 1955 Publica "Doctrines of Salvation", segundo volume
- 1955 Excursiona pela Missão Japonesa, dedica Coréia, Okinawa e as Filipinas à pregação do Evangelho e divide a Missão Japonesa para formar as missões Northern Far East e Southern Far East
- 1956 Publica "Doctrines of Salvation," Vol. 3
- 1957 Publica "Answers to Gospel Questions," Vol. 1
- 1958 Publica "Answers to Gospel Questions", Vol. 2
- 1959 Visita estacas e missões na Nova Zelândia e Austrália
- 1960 Designado general brigadeiro honorário da Utah National Guard
- 1960 Publica "Answers to Gospel Question," Vol. 3
- 1960 Visita as missões sul-americanas
- 1963 Publica "Answers to Gospel Questions" Vol. 4
- 1965 Nomeado conselheiro da Primeira Presidência, 29 de outubro
- 1966 Publica "Answers to Gospel Questions" Vol. 5
- 1966 Uma coleção de livros e materiais sobre história americana da igreja na Universidade Brigham Young recebe o seu nome
- 1970 Torna-se o décimo Presidente da Igreja



Sôbre Êstes Princípios

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

A luta para ajudar os jovens a descobrirem o real sentido da vida é levá-los a viverem com dignidade e idoneidade, é a verdadeira "batalha do século", sendo que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se mantém na linha de frente dêsse embate. A Igreja dedica vastos recursos de pessoal, princípios e programas para auxiliar a juventude nesta aventura difícil de escolher o melhor e servir às coisas que mais importam.

Certo editor americano escreveu recentemente:

Os mórmons aparentemente têm a resposta para a questão que vem preocupando tôdas as organizações religiosas: "Como reter nossos jovens?... (Êles) levam sua fé a sério. E isto, talvez, seja o verdadeiro segredo do sucesso dêles em conservar os jovens junto à Igreja.

Que deseja a Igreja para seus jovens, e como procura ajudá-los?

A Igreja deseja ajudar os jovens a encontrarem a riqueza, a inteireza e a excelência da vida que é digna de Deus, nosso Pai, de Cristo, nosso Salvador, e de seus graciosos dons de amor abnegado em nosso favor.

O que é uma vida de valor?

A Igreja procura ensinar à juventude que uma vida boa é aquela que se empenha em alcançar a excelência, que procura tornar-nos uma pessoa da mais alta qualidade dentro das nossas possibilidades. É uma vida equilibrada em espiritualidade, elevados padrões pessoais, mentalidade treinada e disciplinada, preparo e bem-estar físicos, capacidade amadurecida para enfrentar dificuldades, e um senso de responsabilidade para com o próximo, inclusive as gerações futuras.

A Igreja tem vigor a oferecer em todos êsses campos, além de contribuir para a formação de liderança, para o desenvolvimento da sensibilidade pelas coisas belas e enaltecedoras, para levar ao namôro sensato, ao

casamento feliz e a relações familiares satisfatórias, para inspirar as boas mentes ao bom juízo.

Quais são os obstáculos?

A própria natureza dos jovens, além das circunstâncias da vida neste mundo complexo. Keats diz em seu prefácio de **Endimião**:

"A imaginação do menino é sadia, como também o é a imaginação amadurecida do homem adulto; mas existe entre os dois um espaço da vida no qual a alma se encontra em fermentação, e o caráter é indefinição... o que produz sensibilidade doentia..."

Os tempos atuais são caracterizados de um lado, pelo fomento de desordens destrutivas por elementos imaturos, estereis e mal orientados, fazendo-se passar por críticos de alto gabarito, e por outro lado, pelo criticismo desafiador proveniente de fontes inteligentes (freqüentemente jovens) procurando inspirar maior moralidade e conduta mais elevada. A juventude necessita de auxílio para discernir entre as duas correntes — para rejeitar uma e contribuir para a outra. Precisa de formar um bom caráter por meio de escolhas sábias, acionadas de maneira eficiente.

De que forma procura a Igreja realizar êsse magno empreendimento? A resposta começa com os princípios.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ensina à juventude princípios corretos, oferece-lhe oportunidade para aprender a aplicar tais princípios em programas vitais, e proporciona orientação sensata por adultos interessados. Ela procura prover um ambiente no qual rapazes e moças podem desenvolver a fé, o senso de pertencer, a responsabilidade de servir, e uma auto imagem aceitável baseada no amar e ser amado. Vacuidade, solidão, ansiedade — o trágico trio das maldições contemporâneas — são controlados, e podem ser derrotados, quando princípios corretos são apreendidos e integrados em nossas vidas.

Quais são os princípios?

DEUS VIVE

Tôda pessoa é um ser eterno, um filho literal de Deus que é o "pai dos espíritos de todos os homens." (Hebreus 12:9) Como filho espiritual do Pai, viveu amou, fêz escolhas e teve vida própria no mundo pré-mortal. Tomando parte ativa na causa do Salvador por ocasião da "batalha no céu" (Apocalipse 12:7), veio ao

mundo com uma missão e um intento. Como todos os demais filhos e filhas de Deus, viverá para sempre, usufruindo, caso o queira, uma vida eternamente progressista de serviço criador no reino de Deus. Esta escolha é feita durante a experiência mortal na fé, obediência, perseverança e solicitude amorosa que aprende e manifesta.

Deus é um Pai vivente, amoroso, santo, eterno, bom e clemente, interessado em nosso bem-estar, que provê conhecimento, permite oposição, protege nosso direito e responsabilidade de arbítrio, requer que respondamos pela escolha feita, e enviou-nos um Salvador para revestir a justiça de compassiva misericórdia, tornando possível o arrependimento e certo o perdão.

A VIDA É ETERNA E TEM SENTIDO

A vida é eterna; a vida mortal tem propósito e sentido. A identidade e a personalidade persistem. O que adquirirmos mental e espiritualmente levaremos conosco através da morte física para a eternidade. A vida, portanto, é uma sala de aula, não um pátio de recreio ou um torneio ou prova de capacidade para obtenção de bens materiais. Estamos aqui para buscar, para indagar, para bater, para aprender a ter fé, para aprender obediência, para aprender a andar pelo Espírito. Adorar é comungar com Deus; orar é um meio de entrar em contato com êle.

CRISTO E O HOMEM

A "obra e a glória" de Deus é "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39) A salvação é um prêmio que alcançamos através de uma porta com dupla fechadura: Cristo abriu a sua — está à porta e bate; a outra chave está dentro de nosso coração e precisa ser usada por nós quando o abirmos e trilharmos o caminho que nos preparou. Nossa glória reside na capacidade de obedecermos seus mandamentos.

DÍZIMO, JEJUM

Tudo o que temos nos foi dado por Deus. Os dízimos e ofertas que levamos à sua casa, são uma devoção que lhe fazemos. Somos ensinados a dar também de nós mesmos. Jejuamos e oramos para receber fé para entender, empreender, abster-nos, perseverar. O dízimo é um princípio espiritual. Os jovens mórmons pagam o dízimo sobre tudo o que ganham desde a infância.

SERVIÇO

Deus nos ama e nos ordena que o amemos, tanto quanto ao nosso próximo. Entretanto, não se satisfaz com protestos de amor da boca para fora ou para dar na vista. Amor em termos abstratos nada significa. Deus necessita de um instrumento para revelar seu amor. Exige de nós que sejamos santos, abnegados, nobres. O Salvador é nosso padrão, o samaritano o exemplo que nos deu. Na Igreja os jovens recebem muitas oportunidades para servir.

PERDÃO

Quando o errante torna ao lar, quando o pecador se arrepende, os céus se regozijam; também na terra deve haver regozijo entre os que desejam seguir o Senhor — nenhum juízo, crítica, condenação, rejeição, ultraje ou desrespeito, mas apenas regozijo pelo retorno do filho pródigo.

NAMÔRO E CASAMENTO

Da mesma forma como Deus e o homem e o amor, o casamento é eterno, e também a família. O namôro deve ter isto em mente; a côrte precisa estar cônica desta verdade. O casamento eterno é uma consequência natural de um casal que vive em amor e produz rica colheita; é a lei divina do casamento. Os jovens mórmons casam-se num templo, para "O tempo e a eternidade."

AUTORIDADE

A autoridade de representar a Deus é concedida por êle àqueles que escolhe e ordena de maneira apropriada. Não é adquirida automaticamente por aqueles que o "escolhem", pois que afirmou: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei..." (João 15:16) Homens comuns com ocupações comuns, chamados e autorizados por Deus, podem servir-lo como seus autênticos representantes.

Membros dignos do sexo masculino, desde a idade de 12 anos, são comissionados em ofícios de autoridade sacerdotal, o que os qualifica para oportunidades de liderança e serviços sagrados de acôrdo com sua idade e experiência.

Todos êsses princípios e muitos mais, Deus tem revelado aos homens por intermédio de seus santos profetas em tôdas as dispensações, inclusive a atual. Para a juventude mórmon, sua religião tem o poder de

"libertar a força espiritual" que nêles existe. São verdadeiros filhos de Deus.

OBRA MISSIONÁRIA

O jovem mórmon é também um irmão para todos os seus semelhantes. Tem para com êles a responsabilidade de partilhar o que é verdadeiro e bom. Procura cumprir êsse encargo devotando dois anos de sua vida à missão de proselitismo de tempo integral numa área que lhe fôr determinada em qualquer parte do mundo, seja próxima ao lar ou remota. Faz-no às suas próprias expensas, com dinheiro ganho por si mesmo, ou com auxílio parcial da família ou outros.

APTIDÃO FÍSICA

Saúde e bem-estar físico são essenciais para uma vida plena, e o jovem mórmon aprende desde a infância a cuidar e fortalecer o corpo. Êle o faz por princípio, pois crê que seu corpo é um componente não degradado da sua alma eterna: "O espírito e o corpo são a alma do homem." (D&C 88:15). Na prática, êle obedece a um código de saúde conhecido como "Palavra de Sabedoria", extraído de uma revelação do Senhor dada a Joseph Smith em 1833. Nela o Senhor aconselha abstinência do uso de álcool, tabaco, e outras substâncias nocivas, com a promessa de consequentes bênçãos físicas, mentais e espirituais.

É encorajado o trabalho árduo e honesto, sendo solicitado ocasionalmente, pela Igreja nas capelas e respectivos terrenos, ou nas propriedades agrícolas e fábricas de enlatados do programa de bem-estar, cujos produtos se destinam aos necessitados.

Atividades esportivas e atletismo organizado de diversas espécies são incentivados e patrocinados pela Igreja, o mesmo se dando com o campismo, danças e outras recreações salutaras. Alguém chamou a isso de "recreação espiritualizada" — atividades físicas e culturais sob a influência e padrões da Igreja, orientadas por líderes qualificados.

A mocidade SUD é ensinada a atender ao chamado de sua pátria com devoção e coragem. O que foi dito dos destemidos filhos de Amon há 2.000 anos, é um guia para a moderna juventude mórmon:

"E eram todos... muito valentes e corajosos, dotados de grande vigor e atividade; mas eis que isto não era tudo, pois eram também... fiéis em tôdas as oca-

siões e em tôdas as emprêsas que lhes fôssem confiadas." (Alma 53:20)

MORALIDADE

Com uma atitude responsável e religiosa perante a vida, o próximo, o corpo, o casamento e a família, os membros jovens da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias dão forte ênfase aos elevados padrões morais. São aconselhados a viverem vidas limpas e saudáveis. Castidade, fidelidade e lealdade são princípios ensinados em tôdas as organizações da Igreja, em todos os níveis de idade. Mesmo as crianças já memorizam as Regras de Fé que incluem:

"Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens... Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos."

EDUCAÇÃO

Das Escrituras os mórmons aprendem que a "glória de Deus é a inteligência", que devem "procurar aprender... pelo estudo e também pela fé", e que "qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição."

"E, se uma pessoa, por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (D&C 130:18-19)

Encorajar os jovens a instruir, disciplinar, refinar e aguçar suas mentes é uma preocupação constante. Existem escolas de diversos níveis estabelecidas pela Igreja em vários países, incluindo-se faculdades, escolas profissionais e universidades. Junto a escolas secundárias em muitas partes do mundo, a Igreja mantém seminários que os estudantes podem freqüentar antes do início do horário escolar ou durante as horas livres; ligados a universidades e faculdades existem institutos de religião, sendo ambos os tipos destinados a incentivar o aprendizado secular e proporcionar o treinamento espiritual e moral necessário para uma vida plena.

Uma mente sadia alcançará altos níveis de raciocínio e conduzirá a elevados padrões de vida.

Os mórmons crêem que "os homens existem para que tenham alegria", e que a verdadeira alegria é o produto de se viver de modo a permitir uma auto-imagem aceitável, baseada na boa consciência e auto-estima.

Ela não provém de tumultos ou espírito de destruição, nem de peculiaridades no trajar, no comprimento dos cabelos, ou na conduta. Para que a vida seja feliz é preciso que as relações com a família, amigos e outros, sejam sadias e compensadoras, e que haja confiança em Deus e fé crescente em sua presença: Benevolência e interesse genuíno por todos os semelhantes, seja qual fôr sua origem, condição social ou crença, é ensinada aos jovens SUD. A aceitação de responsabilidades cívicas e comunitárias é fortemente encorajada; as funções públicas e políticas são consideradas ocupações nobres e desejáveis.

Os laços familiares são especialmente importantes para os membros da Igreja. Sua doutrina é centralizada na família. São realizadas regularmente reuniões familiares semanais; a oração em família, freqüência e serviços na Igreja, amplamente compartilhados; celebrações, férias, tradições, trabalho, empreendimentos e recreação em família, o ideal estabelecido. Os pais estão mais interessados em orientar seus filhos para a busca de relações e experiências felizes, do que em incentivá-los na aquisição de bens materiais, embora a necessidade de instrução e competência na carreira escolhida seja consistentemente acentuada.

LIDERANÇA

Aprende-se a fazer, fazendo, e a juventude mórmon é levada a numerosas oportunidades produtivas para tal. Na Igreja não existe clero profissional, ficando o trabalho a cargo dos membros. Os jovens na Igreja têm de discursar freqüentemente, reunir-se em conselho com seus líderes, organizar, planejar, e dirigir atividades, lecionar, cantar, executar. Tomam parte em apresentações musicais, teatrais e debates. Dirigem reuniões e organizações. Tal treinamento e experiência produzem líderes leigos extraordinariamente capacitados, habilitando a Igreja a funcionar com eficiência em todos os níveis.

Em virtude de terem aprendido princípios corretos, os jovens mórmons, quando longe de casa, seja em escolas, em missão, empregos ou no serviço militar, são capazes de se governarem a si próprios e a se manterem achegados ao Senhor e à Igreja.

Os programas da Igreja para a juventude são elaborados com base nestes e outros princípios. É nos princípios do Evangelho de Jesus Cristo que reside a força que cinge, ampara e dá sentido a tudo o que é feito para reter a mocidade junto à Igreja.

“Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, tôdas estas coisas vos serão acrescentadas.”

Mateus 6:33

Prioridades

Reed H. Bradford

Nossa sociedade atual é complexa e exigente. É altamente diversificada — oferece-nos oportunidades para envolvimento com varios tipos de grupos e atividades. Sua complexidade **pode** tornar-se uma chance para enriquecer nossa vida. É por isso que certas pessoas preferem viver em centros urbanos e não rurais. Consideram que a multiplicidade de organizações proporcionam maior variedade de experiências e crescimento.

Mas tal sociedade também confronta seus membros com um severo desafio. A amplitude de sua diversificação impede que o indivíduo possa participar de todos os grupos e atividades disponíveis. Surge então a pergunta: Quais as metas mais desejáveis? Quais as organizações de fundamental importância? Essas questões são relevantes, pois é preciso reconhecer as limitações de tempo, energia e capacidade.

Existe ainda outro desafio básico. Ainda que admittissemos ser exequível participar de todos os grupos da sociedade, não significaria que devêssemos fazê-lo. Algumas organizações ou atividades não contribuem para nosso progresso em demanda da nossa meta. Torna-se assim necessário que cada um de nós estabeleça prioridades.

Diretrizes Básicas

As diretrizes básicas podem ajudar-nos a tomar decisões específicas quanto às prioridades. Consideremos o seguinte: Jesus havia chegado ao fim de seu ministério terrestre e logo seria crucificado. Orando a seu Pai Celestial e resumindo seus propósitos em tudo o que havia feito, disse:

Santifica-os na verdade... por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade... E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu nêles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens

amado a mim. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo... (João 17:17,19,22-24)

Parece-me que o Salvador pretendia dizer: “Se eles conseguirem tornar-se como nós, então conhecerão a alegria que nós conhecemos; possuirão o poder justo que nós possuímos. Terão um pelo outro a terna preocupação que nós sentimos mutuamente. Assim compartilharão os dons e capacidades. Enriquecerão suas mútuas experiências terrenas. Juntos sentir-se-ão mais realizados do que poderiam cada um de per si. Eventualmente serão dignos de viver em nossa presença.”

Poderia acaso haver meta mais inspiradora? A fim de alcançarmos essa vida eterna com o Pai e o Filho, todos nós precisamos fazer duas coisas importantes: Primeiro, assumir um **compromisso pessoal**, fazer uma promessa a nós mesmos e ao Senhor de que nos esforçaremos em atingir essa meta pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho. Segundo, depois de assumido esse compromisso, precisamos continuar estudando a palavra de Deus. Recentemente perguntei a centenas de membros da Igreja, quantos dêles haviam lido tôdas as obras-padrão — o Velho Testamento, o Nôvo Testamento, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Sòmente 13% tinham lido o Velho Testamento; a Escritura que o maior número havia lido (49%) era o Livro de Mórmon. Um comprometimento de estudar seus princípios com “boa intenção” traria em consequência o cumprimento da promessa dada: “Pois ao fiel êle dará linha sôbre linha, preceito sôbre preceito...” (D&C 98:12) Receber luz e entendimento do Senhor proporciona paz segurança e felicidade.

Aplicações Específicas

Na vida cotidiana é que demonstramos nosso entendimento quanto às prioridades. Um estudante pode “colar” na escola, e a não ser que seja descoberto, provavelmente conseguirá nota mais alta. Mas a integrida-



de de sua alma e a confiança que o Senhor nêle deposita são de importância infinitamente maior do que nota alta numa prova.

Um jovem poderá "viajar" com uma das novas drogas disponíveis. No entanto, tratar seu corpo como o templo de um espírito divino, dar-lhe-á satisfação mais intensiva, extensiva e duradoura, do que qualquer "viagem" de sonhos proporcionada por drogas.

O dinheiro, se fôr obtido e empregado de maneira correta, pode ser um importante meio para alcançar objetivos legítimos. Mas tornando-se a única finalidade de nossos esforços, transforma-se na "raiz" de grandes males, como disse Paulo. (Veja 1 Timóteo 6:10) O "amor ao dinheiro" poderá levá-lo a maltratar seus semelhantes ou a deixar de alcançar metas mais importantes, como exemplifica a seguinte história:

Páhom e o Diabo

Em seu conto "De Quanta Terra Necessita o Homem?" Tolstoi narra a história do homem que afirmava que, se tivesse terras suficientes "não temeria nem o próprio demônio." "Muito bem," pensou Satanás, "teremos uma peleja. Eu lhe darei as terras que desejar, e por meio delas conseguirei tê-lo em meu poder."

Certo dia Páhom, recebeu uma oferta que considerava fantástica — poderia adquirir tôda a terra pela qual sua alma ansiava. Um chefe dispos-se a vender-lhe as terras pelo preço de mil rublos o dia. Páhom não conseguiu entender:

"O dia? Que medida é essa? Em hectares quanto seria?"

"Isto não poderei calcular," disse o chefe. "Nós a vendemos por dia. É tanto quanto você poderá rodear a pé num dia, e o preço é de mil rublos por dia."

Páhom ficou surpreso.

"Mas num dia inteiro é possível percorrer os limites de uma grande porção de terra," comentou.

O chefe riu dizendo: "E será sua. Mas há uma con-

dição: Se não conseguir voltar ao ponto de partida no mesmo dia, perderá seu dinheiro...

Páhom ficou exultante. Estava decidido a partir bem cedo na manhã seguinte...

"Que pedaço não conseguirei!" pensou. "Será fácil andar uns 56 quilômetros num dia... "Ficou insone durante toda a noite, cochilando apenas um pouco antes do amanhecer..."

No dia aprazado encontrou-se com o chefe no lugar combinado, e depois de depositar os mil rublos, partiu. Logo começou a andar bem rápido mas após algumas horas sentia-se cansado. Estava um dia quente e não achou jeito de descansar bem, pois dizia a si mesmo: "Uma hora para sofrer, a vida inteira para gozar." Ele estava demarcando um trato de terra retangular. Depois de andar numa direção por longo tempo, deu-se conta de que deveria virar para a esquerda a fim de retornar em tempo. Mas então vislumbrou uma área particularmente fértil. "Seria uma pena perder aquela parte," disse para consigo mesmo, e então prosseguiu na mesma direção até poder incluir o tal pedaço de terra. Súbitamente, olhando para o sol, percebeu que se estava pondo rapidamente. "E agora... será que passei da conta?"... Partiu correndo diretamente para o ponto de partida. Seu peito arquejava pesadamente, o coração batendo como um martelo e suas pernas já não mais pareciam lhe pertencer. Sentiu-se aterrorizado temendo morrer de pura estafa, mas mesmo assim lançou mão de suas derradeiras reservas de energia. Alcançou o ponto de partida onde o chefe e outros estavam aguardando no exato momento em que o sol atingia o horizonte; suas pernas então cederam fazendo com que se estatelasse no chão.

"Ah, que excelente homem!" exclamou o chefe. "Conseguiu um belo pedaço de terra!"

O servo de Páhom chegou correndo para acudir-lo, mas ao tentar erguê-lo viu que havia sangue escorrendo de sua bôca. Páhom estava morto!...

O servo apanhou uma pá e cavou uma sepultura suficientemente grande para nela deitar Páhom, e lá o enterrou. Tudo o que precisou foi um pedaço de terra do tamanho da sua estatura.

O Senhor disse:

... as feras do campo, as aves do ar e aquilo que provém da terra são destinados ao uso do homem para comida e vestuário, e para que tenha em abundância. (D&C 49:19)

Uma casa que adequadamente preencha nossas necessidades, por exemplo, é uma possessão legítima. Mas as necessidades e a felicidade dos filhos devem ter prioridade sobre as coisas materiais, como veio a compreender a senhora da seguinte história.

A Casa Cantante

Prendi o guardanapo no pescoço de Fred e coloquei na sua frente o copo de suco de laranja, seu prato de cereal e o leite espumoso. Na minha opinião, classificava-me entre as mães superiores cujos filhos são criados da maneira aprovada modernamente.

Fred, depois de tudo engolir conscienciosamente, escorregou da cadeira.

"Agora posso ir para a casa do Jimmy, mãe? perguntou.

"Mas Fred," repliquei, "você já esteve na casa dêle ontem e também anteontem. Por que o Jimmy não vem aqui para variar?"

"Ó, êle não haveria de querer." Os lábios de Fred tremeram a despeito de seus seis anos de masculinidade. "Por favor, mãe."

"Por que você gosta mais da casa de Jimmy do que da nossa? insisti. Súbitamente dera-me conta de que Fred e todos seus companheiros estavam sempre querendo ir à casa de Jimmy.

"Bem", explicou hesitante, "é... é porque a casa do Jimmy é uma casa cantante."

"Uma casa cantante?" indaguei, "Agora explique-me, o que significa isto?"

"Bem," Fred estava encontrando dificuldade de explicá-lo, "a mãe de Jimmy está sempre cantarolando enquanto costura; Annie, a cozinheira, canta o tempo todo, e o pai do Jimmy sempre chega em casa assobiando." Quedou-se silencioso por um momento e depois acrescentou: "As cortinas estão sempre completamente abertas e há flores nas janelas. Todos os meninos gostam da casa do Jimmy, mãe."

"Pode ir, filho," atalhei depressa. Eu o queria fora do caminho para poder pensar.

Passei os olhos pela casa. Todo mundo a elogiava. Lá estavam os tapetes orientais, que compráramos à prestação. É por isso que não tínhamos uma Annie na cozinha. Estávamos também pagando ainda os luxuosos móveis estofados, e o carro naturalmente. Talvez fôsse êsse o motivo pelo qual o pai de Fred não chegava em casa assobiando.

Eliminar o Não-essencial

Botei meu chapéu e fui até à casa de Jimmy, embora fôsem 10 horas duma manhã de sábado. Tinha a impressão de que a sra. Burton não faria caso de ser interrompida no meio da manhã. Ela nunca parecia estar com pressa. Recebeu-me junto à porta, um lenço envolvendo a cabeça.

"Ó, entre. Acabei de terminar a limpeza da sala de estar. Mas naturalmente que não está atrapalhando. Vou apenas tirar êste lenço, voltarei num instante."

Enquanto esperava, examinei a sala. Os tapetes estavam gastos até a urdidura; as cortinas de "voile" de bolinhas, abertas descobriam a janela; a mobília, velha e gasta, mas recoberta com capas novas de cretone. Uma mesa recoberta com alegre toalha exibia algumas das últimas revistas. Pendurados no vão da janela havia vasos de hera e de trapoeraba, enquanto um pássaro chilreava numa gaiola pendurada ao sol. Confortável, em pleno sentido.

A porta para a cozinha estava aberta e pude ver Jerry, o bebê, sentado no linóleo imaculado, observando Annie preparar uma torta de maçã. Ela estava cantando...

A sra. Burton entrou sorrindo. "Bem," indagou, "o que há? Pois eu sei que veio por algum motivo; você é uma mulher tão ocupada."

"Certo", respondi abruptamente, "vim para ver como é uma casa cantante."

A sra. Burton olhou perplexa. "Ora, o que é que você quer dizer?"

"Fred diz que adora vir aqui porque vocês têm uma casa cantante. Começo a compreender o que êle quiz dizer."

"Que elogio maravilhoso!" comentou a sra. Burton ruborizada. "Mas sem dúvida minha casa não pode comparar-se com a sua. Todos são unânimes em que você tem a casa mais bonita de tôda a cidade."

"Mas não é uma casa cantante," objetei. "...Diga-me, como o conseguiu?"

"Ora", sorriu a sra. Burton, "se você quer realmente saber. Veja, John não ganha muito, e não penso que algum dia chegará a ganhar. Êle não é dêsse tipo. Temos que renunciar a algumas coisas, então decidimos eliminar o não-essencial. Não sou pessoa muito forte; quando Jerry nasceu chegamos à conclusão de que Annie era essencial para que as crianças pudessem ter uma mãe bem disposta. Depois, livros, revistas e música... São coisas que as crianças podem guardar no íntimo. Não podem ser destruídas pelo fogo ou reveses,

por isso as consideramos essenciais. Naturalmente, uma alimentação sadia também é essencial... As roupas das crianças são muito modestas... Mas mesmo assim, depois de pagas as contas, não nos parece sobrar muito para tapetes e móveis... Não gostamos de fazer dívidas se pudermos evitá-las... (Não obstante) somos felizes," concluiu.

"Compreendo", repliquei pensativamente. Voltei meu olhar para Jimmy e Fred lá no canto. Haviam construído um trem de caixas de fósforo e o estavam carregando com grãos de trigo. Estavam derrubando um bocado de trigo, mas êste é limpo e salutar.

Voltei para casa. Meus tapetes orientais pareciam desbotados. Abri os reposteiros ao máximo, mas mesmo assim a luz se coava apenas dêbilmente através das cortinas de sêda... (Minha casa) não era uma casa cantante. Decidi fazê-la cantar.

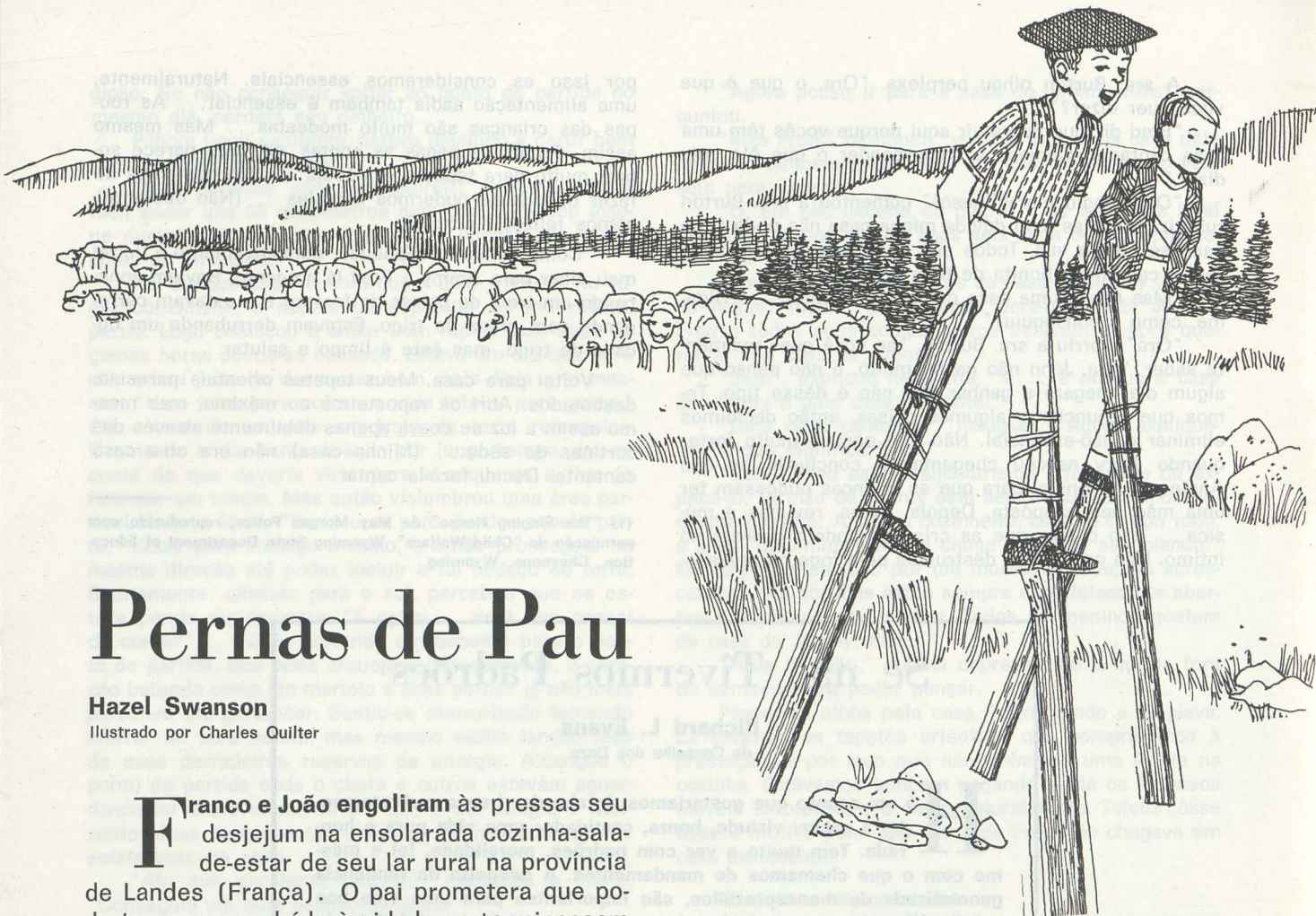
(1) "The Singing House" de May Morgan Potter, reproduzido com permissão de "Child Welfare", Wyoming State Department of Education, Cheyenne, Wyoming.

Se não Tivermos Padrões

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Há um assunto que gostaríamos de abordar franca e diretamente, a saber: virtude, honra, castidade; uma vida pura e honrada. Tem muito a ver com padrões, moralidade, lei e mesmo com o que chamamos de mandamentos. A despeito da tendência generalizada de menosprezá-los, são importantes para uma vida boa e feliz. Ninguém conseguiu jamais provar o contrário; e a infelicidade e degradação do homem individualmente, bem como a ruína das civilizações imorais e corruptas, fornecem mais provas do que seria lícito exigir. Existe ainda outro aspecto dêsse assunto: Se não tivermos padrões, não saberemos como viver a vida. Se não tivermos padrões, não saberemos como julgar, escolher ou avaliar. Se não tivermos padrões, leis, princípios, não saberemos o que é ou não aceitável, e então andaremos a êsmo, sempre incertos a respeito de nós mesmos, sem sabermos o que somos ou onde estamos, ou o que deveríamos ser, ou o que se espera de nós ao vivermos a vida. Como poderemos esperar que uma geração venha a ser feliz, estável, sensata, bem orientada, firmemente estabelecida, se não lhe dermos padrões pelos quais se guiar? Desde que rompamos ou eliminemos os padrões e princípios, os limites e diretrizes na vida — desde que removamos as estrelas, a bússola, os pontos fixos — ficaremos sem meios de saber onde estamos ou para onde vamos. E se por má orientação nossa, ou falta dela, encorajamos ou deixamos que uma geração de jovens se desarvore moralmente, faremos com que tenham perdido os fundamentos para uma vida de retidão e felicidade, de paz e propósitos, e isto seria uma carga muito pesada para qualquer um carregar. Se almejamos felicidade, agora e na eternidade, é preciso que nós mesmos vivamos as leis, os mandamentos, os princípios, os padrões da pureza, da conduta moral, da virtude, honestidade e castidade — é preciso que ensinemos e demonstremos aos jovens essas virtudes infinitas e eternas. Onde estaríamos nós sem estrelas, bússola, padrões, pontos fixos e diretrizes na vida? Chegamos finalmente a uma simples frase de quatro palavras: "...iniquidade nunca foi felicidade." (Alma 41:10)



Pernas de Pau

Hazel Swanson

Ilustrado por Charles Quilter

Franco e João engoliram às pressas seu desjejum na ensolarada cozinha-sala-de-estar de seu lar rural na província de Landes (França). O pai prometera que poderiam acompanhá-lo à cidade se terminassem suas tarefas antes dêles partir.

“Você pode dar a ração à vaca,” Franco, garôto de dez anos, disse a João, dois anos mais nôvo. “Eu cuidarei das galinhas e dos gansos, e bombearei água para mamãe.”

Naquele exato momento o pai chegava à porta da cozinha em companhia do Tio Joaquim. “Meninos, o Tio Joaquim precisa ir à cidade comigo e necessita que vocês cuidem das ovelhas dêle esta manhã. Desde a última tempestade a baixada está novamente pantanosa. Tio Joaquim não quer perder nenhuma ovelha como aconteceu no ano passado.”

Franco sentiu-se profundamente desapontado, mas João parecia bastante contente, “Não faça esta cara, Franco,” disse João jovialmente, “isto nos dará uma chance de praticarmos com nossas pernas de pau para a corrida do dia de festa.”

Franco tentou não demonstrar seu desapontamento, mas era-lhe difícil ser tão otimista como João. Este parecia-se mais com a mãe,

que afirmava que todo desapontamento trazia em si algo de bom; Franco não conseguia compreender como isto seria possível.

Terminadas as tarefas, os garôtos foram buscar suas pernas de pau. Estas eram confeccionadas de sarrafos de cêrca de 1,65 m de comprimento, tendo um suporte para os pés a 1 m da extremidade inferior. Acima dêsse suporte prendia-se um atilho, duas tiras de couro para fixar as pernas de pau às pernas do menino.

Antigamente todos os homens e pastôres da província de Landes usavam tais pernas de pau, pois tôda a região fôra pantanosa; camponeses bem-avisados, a fim de resguardar suas terras das bravias águas do mar e da invasão das dunas de areia, haviam plantado milhares de pinheiros e drenado os pântanos. Agora Landes tornara-se uma região fértil, mas ainda na ocasião da estação chuvosa, muitos dos prados mais baixos ficavam perigosamente encharcados, transformando-se numa armadilha

para qualquer animal que nêles se aventurasse.

"Vamos disputar uma corrida até a baixada," gritou João e partiu em suas pernas de pau como se fôsse uma cegonha.

Durante algum tempo os dois rapazes vigiaram atentamente o rebanho. Então João sugeriu: "Vamos fazer uma corrida de treinamento. Iremos até aqueles pinheiros na crista norte do pasto."

Franco lançou um olhar ao rebanho. Os animais pareciam bastante calmos e acomodados, como se apreciassem a quietude após o tempo tempestuoso dos últimos dias.

"Está bem," concordou. "Darei a você vinte passos de vantagem na partida."

"Ótimo, gritou João alegremente, e partiu em largas passadas.

Era uma boa distância até à crista dos pinheiros e Franco descobriu que não era tão fácil alcançar o irmão menor. Ainda que o prado fôra bem drenado, as chuvas tinham sido tão pesadas que a terra se achava encharcada.

João já estava sem fôlego quando iniciaram a volta. Repentinamente gritou: "Franco — olhe. As ovelhas!"

Franco mal podia acreditar no que via. A madrinha do rebanho encaminhava-se para a parte mais baixa do pasto e o resto a estava seguindo. Caso não se apressassem, o rebanho inteiro acabaria seguindo a madrinha para dentro do pântano!

Até que os rapazes conseguissem chegar perto, diversos animais além da líder já haviam caído no charco; debatiam-se e baliavam, lutando por sair, o que as fazia atolar cada vez mais.

"Depressa, João. Venha aqui! Faça o rebanho retroceder." Sem perder tempo para ver se o irmão seguia suas instruções, Franco aos pulos encaminhou-se para a direção oposta, gritando e batendo palmas. Cêrca de cinqüenta ovelhas assustadas pela encenação, abandonaram a madrinha e retornaram à parte segura do prado.

Só então procurou ver como João se estava arranjando. Êste também conseguiria desviar umas trinta para lugar seguro.

Apressadamente contou os animais. Doze, incluindo a madrinha, estavam presas no atoleiro. Franco tentava permanecer calmo. Ser pastor era um cargo de confiança. Não podia perder nenhuma ovelha. Mas, o que poderia fazer? Então deu-se conta de que ainda estava

usando as pernas de pau. Ora, com elas poderia entrar no charco e tirá-las de lá uma a uma.

"João, leve o resto das ovelhas lá para a crista dos pinheiros."

"Mas, e as outras?" A voz de João tremia, pois o olhar aterrorizado dos animais atolados apelava para seu coraçãozinho sensível.

"Faça o que eu mandei," insistiu Franco, voltando apressado e dirigindo-se para o charco. As pernas de pau afundaram no chão pantanoso, mas o mantiveram seguro acima dêle. Alcançando a madrinha, curvou-se para livrá-la do lodo, mas descobriu que as pernas de pau não permitiam que se abaixasse o suficiente para agarrá-la. Era preciso tirar as pernas de pau. Ao procurar desamarrar as tiras de couro, uma delas escorregou fazendo-o estatelar-se no pântano. Freneticamente procurou livrar o



rosto da terra pegajosa e soltar as amarras; quando conseguiu livrar-se das pernas de pau, que ficaram boiando na superfície, notou que a lama chegava-lhe apenas até aos joelhos. Mas mesmo isto já era um perigo para os animais atolados.

“Franco! Franco! Deixe-me ajudá-lo. O restante está em segurança.” João estava a beira do charco, ainda usando as pernas de pau. Repentinamente Franco teve uma idéia.

“Tire essas pernas de pau e tome as minhas também,” gritou Franco, ao agarrar os sarrafos e jogá-los ao irmão. “Agora, amarre as quatro, uma ao lado da outra. Veja como as minhas pernas de pau boiam em cima da lama. Podemos fazer uma espécie de balsa para tirar as ovelhas.”

A ovelha-guia protestou debatendo-se e balindo quando Franco finalmente tentou empurrá-la para cima da balsa improvisada. Mas logo que se viu livre da sucção do lodo, o animal, a princípio hesitou mas depois, como se soubesse que estava fora de perigo, correu pelos sarrafos como se fôsse uma ponte.

“Ótimo —” observou João. “Olhe, agora os outros também querem vir. Depressa — eu os pegarei a medida que chegarem.”

Finalmente tôdas as ovelhas se safaram. As mãos de Franco estavam geladas e cobertas de lama quando afinal conseguiu sair do charco. Nunca imaginara que alguém pudesse sentir-se tão cansado. Mas as ovelhas estavam salvas.

Os garotos estavam sentados na encosta relvosa, limpando suas pernas de pau com chumaços de capim da melhor forma possível, quando o pai e Tio Joaquim chegaram andando pela campina.

“Mas o que é que vocês andaram fazendo?” exclamou Tio Joaquim.

Atropeladamente, João tentou explicar o acontecido. Embora fôsse menor, sempre conseguia sair-se melhor ao explicar as coisas, do que Franco.

“E nossas pernas de pau não ficaram nem um pouco estragadas, papai,” observou João. Veja, depois de limpas estão praticamente como novas.”

O pai e Tio Joaquim riram. “As pernas de pau podem estar como novas,” comentou Tio Joaquim,” mas esperem até que sua mãe veja



o estado em que vocês estão. E as ovelhas.” Tio Joaquim balançou a cabeça.

“Eis uma boa tarefa para vocês hoje à tarde,” disse o pai. Sua voz parecia severa, mas seus olhos estavam piscando. “Eles podem limpar as ovelhas antes de cuidarem de si próprios, como todos os bons pastôres fazem.”

O pai afagou a cabeça de João e colocou um braço ao redor dos ombros de Franco. “Embora tenham sido descuidados, vocês ficaram firmes e imaginaram um plano para remediar o erro,” comentou o pai. “É assim que se aprende — ficando firme e não fungindo quando nos defrontamos com dificuldades.”

Desertar ovelhas em perigo? Franco nunca conseguiria fazê-lo. Ele não entendeu exatamente o que o pai queria dizer. Talvez tivesse algo a ver com a maneira que se sentia ao voltarem para casa. Embora levasse as pernas de pau sôbre os ombros, ainda assim sentia-se muito crescido. Era uma sensação cálida como nunca sentira igual. Era — bem — uma sensação gostosa, excitante em seu íntimo que o fazia sentir-se feliz. Provavelmente mamãe e João sentiam-se dessa forma quase todo o tempo, às vêzes sem motivo algum... uma sensação muito gostosa.

Tempestade

Lucile Reading

conta um caso verídico



copyright 1969 — The Children's Friend

Os cúmulos arredondados, anunciando tempestade, amontoavam-se para as bandas do sudoeste. Raquel os observava e estremeceu ao ver o lampejo de um longinquo relâmpago e ouvir o ronco surdo de trovão. Estava só e aterrorizada. Raquel sabia que suas irmãs mais velhas e talvez até sua mãe, estariam nervosas se estivessem em casa; mas mesmo uma família semi-terrorizada seria um conforto, pensou. Não esperava que retornassem dentro das próximas horas, e desejou ter ido com elas. Por que havia de ter ficado em casa só para terminar a leitura de um livro?

Acima de tudo, Raquel pensava em seu pai enquanto observava ansiosamente as apressadas nuvens escuras. Nunca conseguira entender por que ele sempre ficava sentado no alpendre durante as trovoadas. Por diversas vezes convidara-a, como também aos outros familiares, a ficar com ele, aparentemente desejando companhia, mas ela sempre tivera medo demais para ficar lá fora, e supunha que o mesmo se dera com sua mãe e irmãs.

Fortes rajadas de vento começaram a vergar as árvores. Pulou de susto quando uma janela no andar superior fechou-se com estrondo. As primeiras gôtas enormes espadanaram no momento exato em que o pai esta-

cionou o carro na estrada, e saiu correndo para dentro de casa. O coração de Raquel transbordou de amor asfixiante pelo pai quando este explicou: "Achei melhor dar uma olhada em você. Que tal uma cadeira de pista para o melhor espetáculo desta noite?"

Ela acompanhou-o ao alpendre. O pai puxou duas cadeiras, colocando-as lado a lado, depois estendeu a mão para pegar uma das dela e segurá-la firmemente. "Como tudo isso é belo," observou mansamente, "os fogos de artifício da natureza. Sabe, ter medo jamais fará parar uma tempestade, mas encarar sua beleza e poder majestoso pode proporcionar um estranho e excitante gozo — além de profunda gratidão por fazer parte deste mundo maravilhoso. Quanto tempo as pessoas não desperdiçam na vida quando gastam horas sentindo medo."

Ao ouvir estas palavras calmas, Raquel ergueu os olhos e os deixou vagar pelo céu enquanto um raio após outro o iluminavam e rosnava o ribombar quase constante dos trovões. Em todos os seus dez anos de vida ela nunca antes realmente observara uma trovoada, e como era belo, pensou.

Naquele momento, com sua mão segura entre as do pai, Raquel decidiu que durante toda a sua vida alegrar-se-ia pela beleza do mundo, e tentaria ser corajosa — mesmo durante uma tempestade...

O Bispo Presidente Fala à Juventude sôbre

A Escolha da Carreira

Bispo John H. Vandenberg

Antigamente, o jovem seguiria usualmente a profissão do pai. Isto chegava a tal ponto, que até mesmo alguns sobrenomes derivaram da ocupação dos antepassados. Por exemplo, o sobrenome Ferreira foi adotado por alguém que exercia o ofício de ferreiro; Machado, obviamente proveio de um indivíduo que trabalhava como leñador ou algo parecido, e assim por diante.

No passado, o número de oportunidades profissionais era muito limitado. Era principalmente no próprio lar que se obtinha o treino profissional, sob a orientação dos pais. Hoje em dia, entretanto, estamos em condições de dispor de literalmente milhares de diferentes tipos de ocupação e carreiras. Tal variedade profissional por vêzes chega a confundir muitos jovens quanto à escolha a fazer. Continuamente nos deparamos com perguntas como: "Qual seria a minha vocação?" "Devo cursar uma faculdade ou uma escola profissional?" "Serei capaz de sustentar uma família?"

Para o rapaz essa questão da profissão futura se apresenta frequentemente bem cedo na vida. As palavras de Cícero têm-se mostrado uteis para os que enfrentam o problema. Disse êle: "Usa o que tens..."

Cada um de nós sabe fazer melhor certas coisas do que outras. Alguns possuem habilidade manual; outros são excepcionalmente hábeis quan-

do se trata de lidar com pessoas; outros ainda dispõem de grande capacidade intelectual. Tal lista de habilidades poderia prosseguir quase que indefinidamente. Para a escolha de uma profissão, êsse processo de avaliar honestamente nossas habilidades é uma etapa importante. Às vêzes torna-se difícil conseguí-lo sem ajuda; nesse caso, os pais, o bispo, os professôres da escola podem-nos aconselhar proveitosamente na avaliação.

O passo seguinte é escolher-se um campo no qual estamos interessados e no qual nos sentiremos felizes. Grande parte de nossa existência será empregada no trabalho, e a forma como nos sentimos acêrca dêle afetará o lar, as atitudes e outros aspectos da vida. O prazer proporcionado pela profissão baseia-se em grande parte nos desafios e oportunidades para o desenvolvimento pessoal que oferece. É muito importante lembrarmos disso ao avaliar cada possibilidade profissional.

O terceiro passo na escolha e preparo para uma carreira profissional é obter instrução adequada no campo escolhido. Hoje em dia, o preparo adequado quase sempre envolve instrução ou treinamento além do nível secundário. O mercado de trabalho atualmente é altamente competitivo, sendo que os mais preparados conseguem os melhores empregos. Preparo adequado não significa necessariamente instrução de

nível universitário. Existem muitas escolas profissionais capazes de preparar a pessoa para uma carreira produtiva e satisfatória.

Um outro aspecto importante na escolha e preparo para uma carreira profissional é se o indivíduo está ou não disposto a trabalhar, e trabalhar com afinco. A despeito da habilidade inata, quem não estiver disposto a trabalhar com tóda diligência, encontrará sômente frustrações, seja qual fôr sua profissão. Quanto a esta questão de trabalhar, o Senhor declarou: "Agora, eu, o Senhor, não estou bem satisfeito com os habitantes de Sião, pois entre êles existem ociosos; e seus filhos estão também crescendo em iniquidade; não buscam sinceramente as riquezas da eternidade, mas seus olhos estão cheios de avidez. Estas coisas não deveriam existir, e devem ser abolidas de seu meio." (D&C 68:31-32)

Na maioria dos casos a mais nobre profissão das mções já está determinada — a maternidade. Não obstante, no mundo atual é sensata a jovem que procura preparar-se para outra profissão, não com a intenção de abandonar os filhos para ir trabalhar, mas antes para ser capaz de, em caso de emergência ou tragédia, sustentar a família. Além disso, tóda jovem deveria procurar diligentemente preparar-se para ser boa dona de casa, espôsa e mãe sensata e inteligente.

O que mais carece nosso país,

hoje em dia, não é de professores, técnicos, cientistas ou políticos; do que mais precisamos é de boas mães.

O Presidente David O. McKay declarou: "O mais nobre chamado do mundo é o de mãe. A verdadeira maternidade é a mais bela de todas as artes, a mais sublime de todas as profissões. A mulher que sabe pintar uma obra-prima ou escrever um livro que influenciará milhões de

pessoas merece os aplausos e a admiração da humanidade; mas, a que cria e educa filhos e filhas, belos e saudáveis, cujas almas imortais estarão exercendo influência pelos séculos afora quando há muito as cores dos quadros já tiverem fanado, os livros e esculturas já não mais existam, merece a mais alta honraria que o homem tem a oferecer."

Finalmente, é importante, tanto

para os jovens como para as moças, compreender que o sucesso não é um direito adquirido. O sucesso é alcançado somente por quem se dispõe a pagar o preço, e esse preço consiste em preparo adequado e trabalho árduo. Recorrendo mais uma vez às palavras de Cícero: "... seja o que fôr que estiveres fazendo, faça-o com toda a tua força... (com tua) mente empenhada ao máximo como um arco distendido..."

O Toque Pessoal

Hoyt W. Brewster, Jr.

Recente artigo de um jornal local narrou o caso de uma senhora de idade que se fechara em seu quarto de hotel, recusando-se a sair. Muitos sentiram-se perplexos diante dessa conduta aparentemente bizarra; entretanto, após conhecer os pormenores, não houve como deixar de sentir uma ponta de pesar por essa senhora e tantos outros semelhantes a ela.

A tragédia não era o fato em si de que o hotel em que morava estava condenado e logo iria ser demolido, mas sim que ninguém parecia saber quem ela era ou de onde viera. Como em muitos casos semelhantes, ela chegara à cidade grande anos atrás sendo paulatinamente tragada pela massa impessoal de anônimos, êsses indivíduos esquecidos que formam tão grande parte da nossa sociedade urbanizada. Não tendo para onde ir, nem alguém que por ela se interessasse, refugiara-se no interior do santuário do único mundo que conhecia — seu quarto de hotel — um mundo que estava para ser destruído.

Nessa era de codificação de zoneamento postal, uma era em que a identidade individual é submergida num dédalo de cartões de computadores, em que pessoas podem viver porta com porta sem jamais trava-

rem conhecimento, em que as super-estradas encurtam as distâncias geográficas mas tendem a distanciar os seres humanos, numa era em que muita gente é obrigada a viver sem os benefícios e amparo da família e amigos, o desafio do Evangelho se faz vividamente presente: "Lembraí-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus." (D&C 18:10)

O sentido específico que êste versículo deve ter para você, professor do Evangelho, poderia ser exemplificado fazendo a si mesmo as seguintes perguntas: Qual o valor que você realmente dá às almas de sua classe? Já tentou alguma vez ensinar os princípios do Evangelho a um grupo de indivíduos anônimos, e sem feições reconhecíveis? Você sente um relacionamento pessoal com cada aluno de seu grupo, inclusive com aqueles que não comparecem regularmente? Você consegue certa identificação pessoal com cada criança da classe, ou as encara com um conglomerado impessoal ao qual está vagamente ligado umas poucas horas por semana? Em suma, você se preocupa com o valor **individual** de cada alma vivente em sua classe? Você adiciona seu **toque pessoal** ao que ensina?

Hoyt W. Brewster, Jr., é diretor do Instituto de Religião de Gardena e conselheiro do bispado da ala da Universidade da Califórnia do Sul.

Se desejamos que o Evangelho de Jesus Cristo se torne uma força vital na existência de nossos alunos, êle há de ser transmitido por mestres que sintam responsabilidade pessoal pelos indivíduos confiados a seu cuidado. Quando o aluno sente que o professor não se interessa apenas superficialmente por êle, que a aula semanal não é sòmente uma operação rotineira que deve ser cumprida; quando percebe que o professor se interessa por êle tanto dentro como fora da sala de aula, sua receptividade para com a mensagem transmitida torna-se imensamente maior.

Então, o que poderá o professor do Evangelho fazer para intensificar e aprofundar seu relacionamento com cada um dos alunos? Como acrescentar aquêle toque pessoal? Tanto o professor como o aluno seriam beneficiados, se o primeiro acatasse as seguintes sugestões:

1. Conhecer o nome e sobrenome de todo membro da classe; mais ainda, saber pronunçá-los corretamente. O senso de identidade individual de cada um está circunscrito ao seu nome. Apreciamos ouvir nosso nome empregado adequadamente. De certa forma isto nos dá um senso de individualidade e sentimos que os outros reconhecem nossa existência. Nosso Pai Celestial preocupa-se grandemente que seu nome seja empregado apropriadamente. Referir-se a um aluno como "você aí", ou "você de camisa azul", é negar-lhe dignidade pessoal.

Ao fazer um esforço genuíno para gravar os nomes, e mesmo os apelidos, de cada componente da classe, o professor começa a criar laços entre êle e os alunos, laços que abrirão a porta para a confiança e o aprendizado.

2. Procurar diligentemente obter conhecimento dos antecedentes, ambiente, interêsses e objetivos de cada aluno. Conhecer os interêsses particulares dos membros do grupo favorecerá o preparo de lições que se relacionarão significativamente com suas vidas pessoais, além de fortalecer o relacionamento professor-aluno.

Um método que tem dado bons resultados é fazer com que cada aluno preencha um breve questionário. Contudo, é preciso ter cautela para não intrometer-se em áreas essencialmente pessoais da vida dos alunos, nem tampouco dar a impressão de que são obrigados a responder às perguntas. Faça-os compreender que é apenas um recurso para conhecê-los melhor.

Outro meio é conversar com os mestres familiares, líderes do Sacerdócio e amigos do aluno.

Finalmente, preste atenção ao noticiário dos jornais locais ou escolares referente a certos aspectos da vida dos alunos — alguma realização atual, ou prêmio recebido, ou assunto em que estejam interessados. Arranje tempo para apresentar suas congratulações, seja por telefone, carta ou visitando-os pessoalmente.

3. Manter em dia a lista de chamada, prestando atenção às eventuais ausências. Se após uma falta à aula, você telefonar ou visitar o aluno, demonstrando genuína preocupação por sua ausência, será bem mais provável que êle apareça na aula seguinte. Quando um aluno falta, seja por motivo legítimo ou não, e sua ausência passa despercebida, êle julga que realmente não tem importância alguma se comparece ou não — que o professor na verdade não se interessa por sua presença na classe. Todos nós temos a necessidade de nos sentirmos queridos. Você alguma vez já se deu ao trabalho de considerar o vácuo existente na vida daqueles cuja ausência nunca é notada? Faça com que seus alunos saibam que se interessa por êles?

4. Tratar todo membro da classe com o mesmo respeito que você gostaria que um professor seu lhe demonstrasse. Só pelo fato de que um aluno seja mais moço, menos experimentado ou, eventualmente, menos instruído do que você, não permita a si próprio menosprezar seus comentários como irrelevantes. Lembre-se, as opiniões expressas francamente são parte tão integrante do aluno como suas características físicas. Certas ou erradas, é preciso respeitar-se essas opiniões.

Se o professor manejar os comentários dos alunos com a mesma destreza e perícia com que o cirurgião efetua delicada intervenção no corpo humano, as chances de poder ajudá-los efetivamente aumentam grandemente. Mas, se os comentários de um aluno forem tratados desrespeitosamente, atacados com sarcasmo ou ridicularizados, ou ainda rejeitados levemente sem a devida consideração, criar-se-á uma brecha entre mestre e aluno que poderá ocasionar rejeição tanto do professor como da mensagem que tenta transmitir.

5. Expressar freqüentemente aprêço pelo privilégio de conhecê-los e poder conviver com êles. Tome o cuidado de ser verdadeiramente sincero quanto ao que diz. Os alunos notam imediatamente qualquer insinceridade nesse sentido; e, se você não fôr sincero ao expressar seus sentimentos, poderão começar a questionar as outras coisas que você afirma. Contudo, se você se esforçar honestamente em edificar uma real afinidade com o grupo, a expressão de aprêço aos alunos só pode melhorar o ambiente da aula.

6. Ser sensível à disposição e necessidades dos membros da classe. Por exemplo, se um dos alunos

comparece à aula com os olhos congestionados e obviamente aflito, demonstre-lhe discretamente seu cuidado e ofereça seus préstimos. Talvez um bilhete expressando seu desejo de ajudar colocado reservadamente em suas mãos seria bem aceito. Deixe-o saber que você se interessa e está preocupado com ele!

Poderíamos mencionar milhares de coisas proveitosas para o professor acrescentar aquele toque pessoal às suas aulas; não obstante, estas seis sugestões são um bom ponto de partida. O professor é incentivado a manter-se sempre alerta quanto aos meios de re-

forçar os laços com seus alunos. Se ele procurar nunca esquecer a santidade da responsabilidade colocada sobre seus ombros e a admoestação feita pelo Profeta Joseph Smith, que "ninguém, a não ser o insensato, brincar com as almas dos homens", (1) por certo fará todo o empenho para conhecer seus alunos e fazer com que se sintam necessários na sua sala de aula. Assim, o desafio de acrescentar o toque pessoal torna-se cada vez mais importante no chamado do professor do Evangelho.

1. Teachings of Joseph Smith, p. 137.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais

Darwin K. Wolford

Jóias Sacramentais

Escola Dominical Sênior:

"Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem."
(1 Coríntios 15:20)

Escola Dominical Júnior:

"Se me amardes, guardareis os meus mandamentos."
(João 14:15)

Um tribunal judaico condenou Jesus de Nazaré por blasfêmia. Contudo êle não foi crucificado por êsse crime. A morte pela crucificação não era uma penalidade judaica, mas sim romana. Perante os romanos Jesus foi acusado de sedição, crime do qual foi absolvido. Então por que a crucificação? Porque um subserviente magistrado romano, que por três vêzes absolvera Jesus de quaisquer crimes, deu ouvidos aos reclamos do populacho instigado pelos principais dos sacerdotes. Jesus foi morto pelos romanos por instigação de seu próprio povo.

Assassinato Premeditado?

Os eruditos bíblicos têm arrolado mais de doze pontos em que os líderes judeus transgrediram sua própria lei ao prenderem e julgarem Jesus. Para mencionar sòmente uns poucos: foi prêso à noite; foi interrogado antes do julgamento por um só juiz; o sinédrio realizou seu julgamento durante a noite e numa ocasião proibida por ser dia de festa; o julgamento foi iniciado e concluído num único dia; a sentença baseou-se unicamente na confissão do acusado.

Cada um desses procedimentos proibidos provam a extrema urgência. Por que os inimigos de Jesus não o prenderam à luz do dia e com suficiente antecendência para que o sinédrio pudesse julgá-lo em dias sucessivos antes dos dias de festa judaicos, como estava prescrito? Por que os que mandaram aprisioná-lo o submeteram a um interrogatório privado ilegal perante o sumo-sacerdote? E por que os conspiradores, que pagaram Judas para que traisse seu Mestre, não providenciaram falsas testemunhas para poder condená-lo? O episódio inteiro da prisão e julgamento de Jesus parece um recurso de emergência, improvisado às pressas para substituir algum outro plano que falhara. Talvez o fôsse.

Jesus já derrotara tantas vêzes os líderes judeus quando tentaram preparar-lhe uma armadilha com suas próprias palavras, que provàvelmente hesitavam em enfrentá-lo num julgamento público. Além disso sabiam que seria difícil prová-lo culpado de um crime capital. Conseqüentemente, todos os três Evangelhos sinópticos descrevem como os principais dos sacerdotes planejaram prender Jesus "com dolo" ou "com astúcia" e o matar. (Veja Mateus 26:4; Marcos 14:1; Lucas 22:2) Isto é a descrição de um plano de assassinato, não de um plano de detenção e julgamento. Se Jesus devesse ser detido por elementos devidamente qualificados à luz do dia, provàvelmente teria sido desnecessário mandar Judas para o localizar e identificá-lo.

O Julgamento de Jesus

Dallin H. Oaks

Dallin H. Oaks, professor de Direito na Universidade de Chicago, pela qual doutorou-se em 1957, após seu bacharelado pela Universidade Brigham Young. Autor de quatro livros e numerosos artigos para revistas especializadas, é atualmente segundo conselheiro na presidência da sua estaca.

Um Tribunal Noturno

Mas não, Judas saiu à noite acompanhado de "grande multidão com espadas e varapaus" (Mateus 26:47; Marcos 14:43) para surpreender Jesus num local êrmo fora da cidade. Se pretendiam assassiná-lo, podemos apenas supor o porquê de o terem amarrado e levado ao sumo-sacerdote em vez de consumir o planejado. Talvez houvesse testemunhas demais; ou então, o incidente da espada que marcou o servo do próprio sumo-sacerdote como participante do grupo era tão incriminador para êsse dignitário que tiveram que desistir do planejado. Em todo caso, Jesus foi conduzido primeiro a Anás, um ex-sumo-sacerdote e ainda proeminente figura política na Judéia. Não há procedimento judicial que explique ou mesmo justifique essa visita altas horas da noite. Parece antes uma reação de subordinados assustados cujos planos tivessem fracassado e que precisavam de novas instruções. Embora Jesus aparentemente estivesse à mercê deles, era preciso ter o máximo cuidado, pois era um líder muito popular e seus impetuosos seguidores galileus sabiam quem o havia sequestrado.



Convocou-se apressadamente uma sessão noturna extraordinária do sinédrio, após o que Jesus foi levado perante êsse tribunal. Os principais dos sacerdotes procuraram testemunhas de acusação, mas não encontraram nenhuma cujo depoimento servisse como evidência. Algumas testemunhas falsas depuseram, mas seus testemunhos eram contraditórios e por isso não eram válidos segundo a lei judaica. Jesus permaneceu calado durante tais depoimentos — era o seu direito. Ao contrário do processo anglo-americano em que o réu é informado da acusação e se declara culpado ou inocente antes do início do próprio julgamento, a lei judaica concede o direito de a pessoa se manter calada. Ninguém nem mesmo era considerado formalmente como réu até que fôsse apresentada a acusação contra êle. Aquêlo tribunal convocado às pressas não foi capaz de apresentar qualquer evidência contra Jesus. O que pretendiam provar ainda não está bem claro. Alguns eruditos dizem sedição, outros, falsas profecias, enquanto que outros ainda afirmam ter sido blasfêmia.

Finalmente, violando o mais solene regulamento proibindo exigir a auto-incriminação, o sumo-sacerdote de maneira solene fê-lo declarar se era ou não o Filho de Deus. "Eu sou," respondeu Jesus. O sumo-sacerdote rasgou dramaticamente suas vestes e gritou: "Para que

necessitamos de mais testemunhas? Vós ouvistes a blasfêmia; que vos parece?" (Marcos 62-64) A côrte por unanimidade o condenou à morte.

Com sua resposta voluntária e honesta Jesus deu a seus inimigos um meio de condená-lo. Assim como sua vida, que não poderia ser tirada mas que êle podia oferecer, foi com seu julgamento. Nem mesmo um processo, por mais flagrantemente ilegal que fôsse, poderia condená-lo por transgressão se não tivesse falado voluntariamente.

Se Jesus tivesse sido um mortal comum, o julgamento poderia ser considerado correto do ponto de vista legal. A blasfêmia era um crime capital cometido por todo aquêlo que por qualquer ato ou palavra insultasse ou usurpasse os poderes divinos. Mas êle não era um mortal comum. "O único Ser mortal impossibilitado de cometer o hediondo crime da blasfêmia, ao reivindicar atributos e poderes divinos, estava perante os juizes de Israel condenado como blasfemador." (1)

Pôncio Pilatos

Na manhã seguinte o sinédrio tornou a reunir-se e confirmou a sentença. Depois amarraram Jesus e o levaram a Pôncio Pilatos, procurador romano na Judéia, o único autorizado a ordenar sua execução. (2)

Os principais dos sacerdotes e os anciãos a princípio pretendiam induzir Pilatos a ordenar a execução de Jesus baseando-se simplesmente na condenação por uma côrte judaica. Pilatos recusou-se, o que obrigou os acusadores a concordarem com nôvo julgamento. Desde que blasfemar contra o Deus de Israel não era tido como crime numa côrte romana, precisavam também arranjar outra acusação. Incriminaram Jesus do crime capital de sedição, alegando que interferira na cobrança de impostos, sublevara o povo e chamava a si mesmo de rei. Após ouvir os acusadores e as explicações de Jesus que seu reino "não era dêste mundo," Pilatos declarou sua opinião: "Não acho culpa alguma neste homem." (Lucas 23:4) Depois, vacilando em face das renovadas e violentas acusações dos principais dos sacerdotes e encontrando uma saída para eximir-se da responsabilidade, Pilatos o enviou a Herodes, magistrado galileu, que se encontrava em Jerusalém para a festa da Páscoa dos judeus. Mas êste, não encontrando fundamento para julgar aquêlo homem que se postava diante dêle em silenciosa dignidade, o devolveu a Pilatos.

Um corajoso e seguro juiz romano teria libertado aquêlo homem que êle próprio achara inocente. Mas Pilatos não era nenhuma das duas coisas. Estava preocupa-

do com as rivalidades em torno dele, temendo a irrupção de uma revolução na pequena e tumultuosa província. Além disso não se sentia seguro em seu cargo. Fôra indicado por Sejano, ministro a quem o já idoso Tibério César confiara seu império ao retirar-se para Capri. Mas Tibério retornara recentemente a Roma, sendo que Sejano e alguns de seus partidários haviam sido aprisionados e executados. Com seu mentor desacreditado e morto, a posição de Pilatos em Roma era incerta. Necessitava do apoio e cooperação dos líderes judeus a fim de resistir às intrigas de romanos que cobravam seu cargo. Não podia arriscar quaisquer conflitos civis ou outro episódio semelhante à reprimenda recebida do imperador quando influentes líderes judeus protestaram diretamente junto ao monarca por causa das imagens romanas que arrogantemente instalara em Jerusalém. Pilatos mostrou-se particularmente suscetível à perspicaz investida dos principais dos sacerdotes: "Se soltas êste (homem), não és amigo do César." (João 19:12)

Crucifica-o!

O que se seguiu é do conhecimento de todos. Convencido da sua inocência mas temeroso de libertá-lo imediatamente, Pilatos procurou convencer o povo a indicar Jesus como o prisioneiro que costumeiramente era indultado por ocasião da Páscoa. Mas os principais dos sacerdotes também continuavam ativos e "persuadiram a multidão" a escolher outro prisioneiro — Barrabás. (Mateus 27:20; Marcos 15:11) Que farei então de Jesus, perguntou Pilatos. A multidão continuou a gritar: "Crucifica-o. Mas Pilatos lhes disse: Mas que mal fêz? E eles cada vez clamavam mais: Crucifica-o. Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás, e, açoitando Jesus, o entregou para que fosse crucificado." (Marcos 15:13-15) Mas antes Pilatos lavou as mãos para testemunhar o fato que mais uma vez declarou aos acusadores e ao povo: "Nenhum crime acho nele." (Veja Mateus 27:24; João 19:6)

O populacho — instigado e orientado pelos principais dos sacerdotes e escribas — vencera. Como certo eminente jurista canadense observou: "Em todos os anais da história penal, seria difícil encontrar caso semelhante em que um prisioneiro, após ter sido declarado inocente por um tribunal da jurisdição competente, foi entregue aos executores por um juiz que o absolvera." (3)

(1) James Talmage, "Jesus, the Christ"; Deseret Book Co., Salt Lake City, Utah, 1949 p. 629.

(2) Alguns eruditos têm sugerido que os líderes judeus tinham autoridade para condenar à morte por apedrejamento em caso de delito religioso como a blasfêmia; optaram por uma execução segundo o costume romano a fim de que Roma fosse responsabilizada pela morte desse líder popular. Entretanto, o ponto de vista exposto no texto é o que predomina. Veja também João 18:31.

(3) James C. McRuer, "The Trial of Jesus", Clarke, Irwin and Co. Ltd., Toronto, Canadá, 1964; pg. 72. Reproduzido com permissão. O autor, presidente do Supremo Tribunal de Justiça de Ontário, espousa a teoria de que os líderes judeus planejaram o assassinio de Jesus e não sua prisão.



No princípio Deus criou os céus e a terra. Separou a luz das trevas; juntou as águas num só lugar e fez aparecer a porção seca de terra. Providenciou ervas, plantas e árvores frutíferas. Fez dois grandes astros e também as estrelas. Criou todas as criaturas viventes que se movem. "E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom..." (Veja Gênesis, cap. 1)

Todo princípio é sempre excitante, um pouco aterrador, um bocadinho alarmante, mas pleno de expectativa, assombro e encanto. E aqui estamos no limiar de um novo período de tempo — a década de 1970. O que poderemos fazer para tornar esses anos "muito bons"?

Dos três princípios mencionados nas Escrituras tragolhes outros tantos ingredientes — minha receita para uma nova década.

Primeiro ingrediente: propósito. Havia no princípio da criação um propósito, como foi declarado pelo Senhor — "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39) Esse propósito nunca mudou. Na criação de Deus houve planejamento — planejamento meticuloso, sem precipitação; atenção aos detalhes; disciplinação do elemento e do criador. Havia ordem no universo.

Thomas Carlyle disse: "Ninguém, a não ser uma pessoa muito jovem ou extremamente estúpida, pode realmente existir sem algum propósito determinado para ocupar sua mente." Tenhamos um propósito em nossas mentes e em nossos corações — um propósito em nossas ações e pensamentos à altura do sublime e eterno propósito para o qual nós e a terra fomos criados. Que haja em nosso propósito cuidadoso planejamento, um conhecimento inteligente sobre como realizar da melhor forma possível esse propósito, e irrestrito devotamento ao que for necessário para executar o plano e cumprir o propósito. Façamos disto o ponto de partida.

Receita para os Anos '70

Mabel Jones Gabbott

Segundo ingrediente da nossa receita: Coloquemos alegria, canto, ânimo e boa vontade na vida cotidiana.

O Senhor nos lembra um princípio todo especial, quando falou a Jó de dentro dum redemoinho: "Onde estavas tu, quando eu fundava a terra?... Quando as estrêlas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam? (Jó 38:4,7)

Jó deve ter respondido como nós o fazemos: estávamos lá, aceitamos a terra que Deus criou para nós e o plano de nossa permanência aqui, e cantamos juntos. No princípio rejubilamos por essa oportunidade da experiência terrena. Pois então, vivamo-la com alegria.

Se pudéssemos dar uma bênção a nosso filho ou neto, haveria poucas melhores do que o bom ânimo. Repetidamente disse Jesus a seus discípulos: "Tende bom ânimo." (João 16:33) E isto significa ter fé e coragem, sem se desesperar por ninharias. Significa manter os ombros eretos, cabeça erguida, levar avante. Significa irradiar a luz do Evangelho de Jesus Cristo. Significa cuidar e demonstrar êsse cuidado.

Isto significa regozijarmo-nos por estarmos vivos, e por estarmos ávidos de viver na década que se inicia. Significa saber que a vida é vivida no espírito, não no carro de luxo ou casaco de vison; é vivida na necessária palavra elogiosa dada de boa vontade, no suspiro mudo sentido e compreendido, na alegria e riso compartilhado, no serviço prestado, no amar e crer.

O Presidente McKay tem dito que: "Todo homem possui certa atmosfera ou radiação que afeta tôda pessoa no mundo." Que a nossa seja de bom ânimo; que nossos espíritos jubilem de alegria.

Nosso terceiro ingrediente: Façamos com que Jesus Cristo e tudo o que êle representa seja uma parte vital de nossas vidas.

"No princípio era o Verbo," diz João, "e o Verbo estava com Deus, e o Verbo se fêz carne e habitou entre nós..." (Veja João cap. 1)

E devido ao Verbo — o Filho de Deus — que existia no início quando o mundo foi criado, que cantou e rejubilou-se conosco, se fêz carne e habitou entre nós, e vibrou com as alegrias da mortalidade, suportou os infortúnios da humanidade e morreu por nós — devido a Jesus Cristo é que existem os inícios!

Através de seu sublime sacrifício deu-nos o dom do arrependimento, sem o qual nenhum início é verdadeiramente efetivo. Todo começo principia com o abandono do passado, e esquecimento do que foi feito, e a aceitação de seu dom purificador.

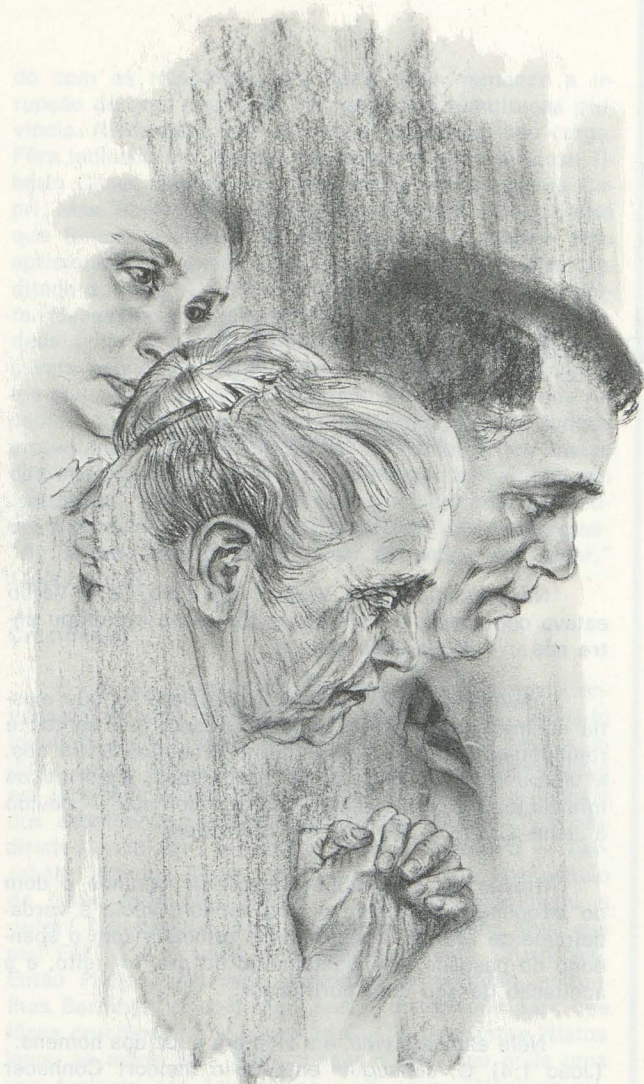
"Nêle estava a vida, e a vida era a luz dos homens." (João 1:4) Ó, conseguir entendê-lo melhor! Conhecer o que fêz por nós! Aceitar êste grande, nobre homem! Tornar o seu modo de vida o nosso modo de viver nesses tempos incertos, tomar seus padrões como nosso padrão de conduta, e aceitar seus ensinamentos como diretriz moral nestes dias controvertidos! Que maravilhoso empreendimento para uma década: vir a conhecer a Jesus Cristo e sentir-se a salvo em sua presença.

Impossível? Podemos tentar.

Nossa receita:

1. Propósito e planejamento disciplinados
2. Bom ânimo, alegria e canto
3. A luz de Jesus Cristo como constante companheiro.

Não seria maravilhoso ao fim de um dia, de um ano, de uma década repletos dêsses ingredientes, poder olhar tudo o que fizemos e dizer: "Eis que era muito bom."



O relógio é uma testemunha da passagem do tempo, um símbolo da mudança das etapas do dia e da vida, e ilustra o argumento de que, sempre que desejarmos falar com nosso Pai Celestial, qualquer hora é apropriada para orarmos, não importa em quais circunstâncias. A seguir damos algumas das necessidades e anseios que nos induzem a orar:

1. Oramos para Pedir Orientação. É uma prece buscando inspiração para tomar qualquer das inúmeras decisões de cunho pessoal na vida — decisões que envolvem coisas aparentemente mundanas como aceitar um compromisso social, escolher um emprêgo, adquirir uma casa, solucionar problemas econômicos ou profissionais. Antes de oferecer tal oração é preciso cumprir primeiro nossas tarefas, reunir todos os dados relevantes, avaliar as evidências, usar nossa própria inteligência e iniciativa, e depois pedir a confirmação pelo Espírito Santo.

2. Oramos para Comunicarmo-nos. Este tipo de oração é uma conversa tranqüila com Deus. Podemos abrir-lhe nosso coração seja onde fôr — a caminho do trabalho ou da escola, durante as lides domésticas, ou enquanto trabalhamos no jardim. Essa nossa conversa íntima pode ser um compartilhar de idéias ou sentimentos agradáveis, ou mesmo um desabafo de mágoas ou tristeza. Poderá abranger tudo o que se relaciona com a vida.

3. Oramos nos Momentos Difíceis. Tal oração não é freqüente; em geral é precedida de uma crise quando carecemos desesperadamente da orientação, direção, ajuda, amor e compreensão do Senhor. Dirigimo-nos a Deus em completa humildade e sinceridade; nossa alma

Tôda Hora é Hora de Orar

Victor B. Cline

estremece; nosso coração freqüentemente está tomado de angústia ou temor ao orarmos.

4. Oramos para Implorar Perdão. Essa súplica sucede a um período de reconhecimento e pungente pesar, geralmente por havermos ofendido alguém ou violado um mandamento. Há lágrimas de remorso, sentimos a consciência pesada e um anseio de reparar a falta cometida. Dirigimo-nos a Deus em busca de perdão e do espírito confortador do Senhor para aplinar a divergência, para que tudo volte ao que era.

5. Oramos para Pedir Proteção. É a prece que oferecemos antes de encetar uma viagem; ou antes que um ente querido parta para o serviço militar, para uma longa viagem, para a missão, para a escola; ou quando a família está para separar-se por algum tempo. Implora proteção contra acidentes ou danos, bem como a inteligência para saber julgar e acautelar-se, e dar os passos necessários para garantir nossa segurança.

6. Oramos por Gratidão. Agradecemos em oração as bênçãos recebidas, a jornada cumprida em segurança, a cura da criança enfêrma, a própria vida. Essa oração reflete gratidão, aprêço e o reconhecimento do poder que nosso Pai Celestial exerce em nossas vidas.

7. Oramos em Favor de um Ente Querido. Frequentemente sentimo-nos apreensivos por outra pessoa — os pais pelos filhos, um dos esposos pelo outro, um filho por seus pais — acontece a qualquer pessoa quando alguém a quem muito ama atravessa períodos de mágoa e sofrimento, ou de alienação e apostasia, ou uma das crises da vida. Nesses momentos a preocupação nos leva a orar.

8. Oramos na Hora das Refeições. São orações diárias em busca da bênção do Senhor para os alimentos que foram preparados para nós. Louvam a generosidade da terra e tôdas as coisas que nosso Pai nos céus criou para nossa nutrição e subsistência.

9. Oramos em Família. Esta é uma prece especial que a família protere diariamente em conjunto. Ela não só ajuda a unificação da família, mas ensina às crianças a forma e a atitude de orar — o modo de falar com o Pai Celestial.

10. Oramos por Caridade. É a oração pronunciada em favor de alguém não intimamente relacionado conosco em sua hora de necessidade. Ofertada liberalmente, representa a mais sublime forma de amor cristão e preocupação com outra pessoa com quem provavelmente não somos aparentados ou por quem talvez nem nos interessemos pessoalmente. Tal pessoa pode viver na vizinhança, em nossa cidade ou em algum lugar distante. Talvez mal a conheçamos, ou nem isto. Mas seja quem fôr, sabendo que precisa de ajuda ou de uma bênção, oferecemos uma oração em seu favor.

11. Oramos para Pedir Saúde. Esta oração é feita por ocasião de um acidente ou enfermidade. Implora ao nosso Pai nos céus que repila a enfermidade, que favoreça o restabelecimento da saúde. Pode ser oferecida pelo Sacerdócio, acompanhada da unção. Sempre termina com as palavras: "Seja feita a tua vontade."

12. Oramos na Igreja. Esta oração é oferecida por uma pessoa em nome de tôda a congregação ou classe, agradecendo a Deus pelo privilégio de poderem se reunir para adorá-lo e aprender as coisas que lhe dizem respeito, e pedindo-lhe que ilumine a reunião com o seu Espírito.

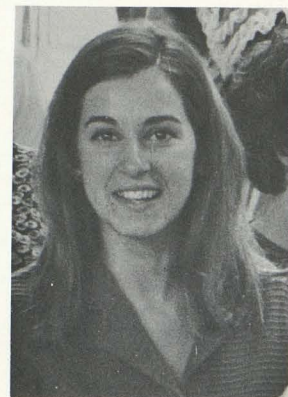
Aumenta o Número de Brasileiros Enviados ao Campo Missionário

Missionárias brasileiras estão levando o Evangelho ao Japão! Esse fato decorre do extraordinário desenvolvimento da Igreja no Brasil, que permitiu, sem levar em conta as outras quatro grandes unidades, apenas à Estaca São Paulo Leste, enviar duas missionárias nisseis ao Japão: Yoshiko e Suzuko Fujihara. Dois outros missionários foram chamados: Gabriel Kemeny, servindo na Missão Brasileira, e Harry E. Klein, enviado à Missão Brasileira do Norte.

Ao terminar o ano mais uma missionária foi enviada ao exterior, desta vez ao Uruguai. Nas fotos, Sandra Puerta despede-se de irmãos, parentes e amigos para uma estada de dois anos nesse país vizinho, proclamando o Evangelho; e Homero Salvador Amato, enviado à Missão Brasileira do Sul, quando embarcava no trabalho do Senhor. Ambos irmãos são ex-funcionários da CEB, que vem se provando um celeiro da seara divina.



O "bota-fora" de Homero S. Amato, na Estação Rodoviária.



Sandra Puerta despede-se no aeroporto, rumo ao Uruguai.

Expande-se O Programa de Construção no Brasil

Em continuação ao vasto trabalho realizado entre nós pelo Irmão Dean R. Heaton, acha-se à cabeça da Construção Geral no Brasil o Irmão F. Ross Jensen, desde novembro passado. Nascido em Idaho, há 45 anos, o Irmão Jensen é formado pela Universidade Estadual de Utah em Artes Industriais, especializando-se em construções. Sua larga experiência nesse campo virá garantir o sucesso do vasto programa de construções que breve responderá ao crescente desenvolvimento da Igreja no País. Casado, pai de quatro filhos, ocupou cargos de 1.º conselheiro de bispado e mestre de escoteiros. Foi missionário no Brasil entre 1946-49 e para cá retornou como missionário construtor de 1961 a 1964, vindo a ocupar a seguir o cargo de supervisor da área Chile/Perú.



Da esquerda para a direita: F. Ross Jensen e esposa, ao serem recebidos por Dean R. Heaton, da Construção Geral no Brasil.

Esse departamento da Igreja tem sob sua responsabilidade várias e complexas atribuições, além de ocupar-se do programa de construção: Cuida de assuntos financeiros jurídicos e administrativos e da aquisição e manutenção de equipamentos e bens imóveis. Ao seu cuidado estão as 35 capelas já edificadas; a capela do 7.º Ramo de Porto Alegre, às vésperas de ser entregue; e 56 outros edifícios adaptados onde funcionam as demais unidades da Igreja, servindo essas instalações aos 35.000 santos brasileiros. Além dessas, cuida também de várias outras instalações: As três sedes de Missão, o edifício em que opera o Centro Editorial Brasileiro, o prédio da Construção Geral do Brasil, um pequeno edifício religioso (fechado) nos arredores de Campinas e a sede própria da Estaca São Paulo, em fase final de acabamento. Estão em planejamento mais seis capelas: Apucarana, Erechim, Florianópolis, Joinville, Osasco e São Caetano. Uma sétima capela deverá ser brevemente iniciada em Jundiá, sendo este apenas o começo de um ritmo de trabalho que deverá acelerar-se para chegar a erguer até doze capelas por ano.

Embora esse trabalho reflita o progresso que a Igreja vem experimentando no País, no caso da Capela de Joinville poderá marcar também o desaparecimento de um dos poucos marcos históricos da Igreja no Brasil: A velha capela utilizada pelos nossos irmãos pioneiros, por volta de 1935, quando então a Igreja entre nós ainda só falava alemão. O histórico edifício, que testemunhou o início da Igreja em nossa terra, poderá ser demolido para ceder lugar à nova estrutura a ser construída.



A congregação ergue os braços em apoio às Autoridades Gerais no início da conferência da Estaca São Paulo Leste.

Três Conferências, Três Mil Pessoas

Com a realização de três movimentadas conferências em apenas uma semana, a Igreja em São Paulo viveu momentos de intensa e edificante atividade. Duas no domingo, 22 de fevereiro, e a última na terça-feira, 3 de março, essas conferências congregaram juntas mais de três mil pessoas para ouvirem as mensagens da liderança local e de duas Autoridades Gerais em visita ao País.

A primeira conferência, realizada pela manhã, destinou-se aos membros da Estaca São Paulo Leste, os quais afluíram à capela de Pinheiros vindos não só da Capital, mas também da Baixada Santista e do ABC, utilizando para isso vários ônibus especiais. À tarde, mais de mil santos reuniram-se no mesmo local para a conferência destinada aos membros da Estaca São Paulo.

Ambas as sessões foram presididas pelo Élder Marvin J. Ashton, que veio ao Brasil para esse propósito em companhia da sua esposa. Hoje servindo como Assistente do Conselho dos Doze, Élder Ashton serviu 21 anos na Junta Geral da AMMR, onde teve a seu encargo os programas de atividades dessa associação de jovens. Além do seu trabalho de Assistente do Conselho dos Doze, é também diretor do Programa de Serviços Sociais Unificados da Igreja.

Mais de mil pessoas compareceram à terceira conferência, esta em caráter especial, destinada aos amigos e visitantes da Igreja, realizada também na capela da

Praça Itália, na noite do dia três. Por iniciativa do Presidente Sherman H. Hibbert, da Missão Brasileira, o Apóstolo Gordon B. Hinckley, que nesse dia estaria escalando em São Paulo vindo de Buenos Aires, foi solicitado a presidir esta reunião e a dirigir-se aos convidados que nessa ocasião estariam travando seu primeiro contato com a Igreja. A reunião também estiveram presentes os presidentes das estacas paulistas, seus conselheiros, e o Presidente Thomas F. Jensen, da Missão Brasileira do Sul, e esposa. O casal se achava em visita à Missão Brasileira.

Élder Hinckley estivera em várias cidades e capitais sul-americanas, tendo inaugurado a primeira estaca peruana em Lima e examinado condições para a criação de várias outras em vários países da América do Sul.

Após a reunião, o Élder Hinckley, os presidentes Hibbert, da Missão Brasileira, Camargo, da Estaca São Paulo Leste, e Spät, da Estaca São Paulo, prolongaram o agradável encontro noite adentro, aproveitando a ocasião para debaterem importantes itens administrativos.

No dia seguinte, o Apóstolo dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde conferenciaria com o Presidente Hal R. Johnson, da Missão Brasileira do Norte, devendo após prosseguir para Tóquio, onde inaugurará a primeira estaca japonesa, e Osaka, para examinar o Pavilhão Mormon, que durante a EXPO'70, receberá multidões de visitantes.



Da esquerda para a direita: Pres. Thomas F. Jensen, Sister Jensen, Sister Hinckley, Apóstolo Gordon B. Hinckley e o Pres. H. Hibbert, no início da conferência especial.



Marvin J. Ashton, Assistente do Conselho dos Doze, em companhia de sua esposa, desembarca em São Paulo, onde irá presidir as conferências de duas estacas.

Registros da Igreja são tema de reuniões especiais

Em visita ao Brasil, no início de dezembro passado, desembarcou em São Paulo o Irmão Ronald C. Urry que, como representante do "staff" do Bispado Presidente, veio realizar nas estacas paulistas uma série de palestras sôbre o preparo adequado de registros da Igreja.

Formado pela Universidade de Utah em administração de emprêsas, o Irmão Urry tem dedicado seus talentos ao aperfeiçoamento dos negócios do Senhor e, nesse cuidado tem sido levado a várias partes do mundo: Grã-Bretanha, Samoa, Nova Zelândia, Canadá e Estados Unidos. Sua viagem à America do Sul estender-se-á às quatro estacas dessa área.

"A importância da guarda de registros que refletem a participação dos membros," disse o Irmão Urry, "é parte do nosso testemunho."



A esquerda, Ronald C. Urry, quando da sua visita às instalações do CEB, departamento responsável pela impressão e distribuição de formulários da Igreja.

Uruguaiana Luta em Silêncio

Confins do Brasil, fronteira da Argentina, tórrida no verão, gélida no inverno, Uruguaiana é um remoto bastião onde uma luta silenciosa é travada para partilhar-se a Boa Nova, como o confirma um crescimento anual do número de membros dez vezes inferior ao de outras regiões semelhantes. (Desde 1960, quando foi ali iniciada a obra, Uruguaiana conta com apenas 273 membros).

Não obstante, Uruguaiana conta com líderes dedicados e capazes, cuja versatilidade permitiu-lhes, por meio de um artifício simples, estimular o comparecimento de famílias completas à Escola Dominical. Essa reunião passou a ser realizada às nove horas da manhã para que o pai pudesse acompanhar os filhos e a espôsa à capela. Agora, terminada a Escola-Dominical, os homens permanecem para a reunião do sacerdócio, que se inicia às dez e meia, e as mulheres podem ir cuidar do almoço, não mais precisando alegar ter faltado à reunião para prepará-lo. (No primeiro domingo de cada mês, devido à reunião de testemunhos, a reunião do sacerdócio se dá às oito horas).

Um dos responsáveis pela novidade, o Presidente Toríbio Chamorro, nasceu na cidade argentina vizinha, Passo de los Libres, há 49 anos. Homem humilde e generoso, tornou-se um líder cívico de notável expressão na comunidade. Foi batizado há oito anos, após uma experiência marcante na sua vida religiosa, quando seus

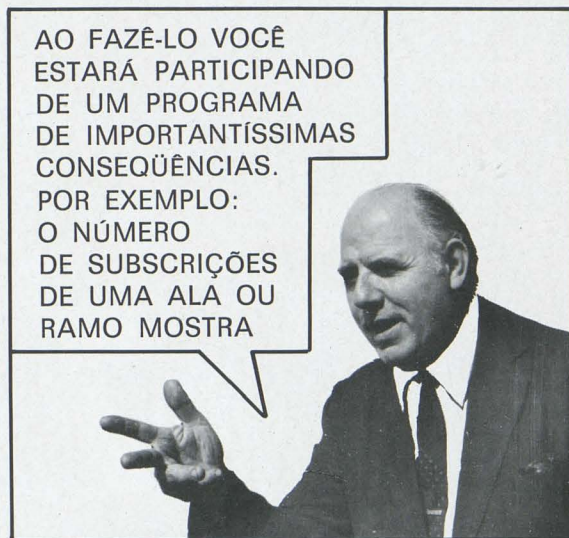


A partir da esquerda: Ângelo Machado, 2.º conselheiro; Toríbio Chamorro, presidente do ramo; e José A. Farias, 1.º conselheiro.

dois filhos mais velhos (de uma posteridade de 14) aceitaram o batismo numa erregelante manhã invernal de 1962. Ele havia cogitado de que, se os missionários convertessem seus filhos, também se converteria. Naquela manhã, diante das margens brancas de geada do Rio Uruguai, o Irmão Chamorro relutava em consentir que sua filha, há longos anos vítima de persistente bronquite que causava crises violentas, entrasse na água gelada. Diante da insistência da jovem, que em sua fé afirmava que nada lhe aconteceria, temeroso cedeu, confiando a si mesmo que, caso nada ocorresse, o próximo seria ele. E, seis meses depois, nas águas do mesmo rio, mas já num confortável verão, cumpriu a promessa.



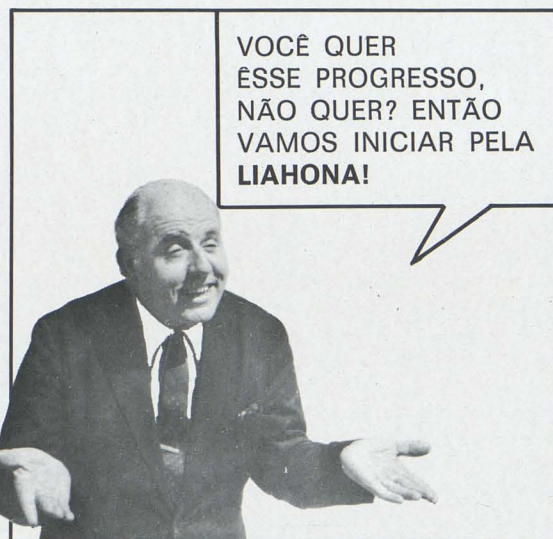
ESTA É A REVISTA
QUE VOCÊ DEVE
ASSINAR,
LER, DISCUTIR.



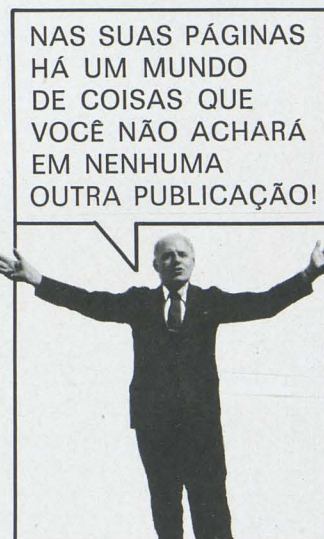
AO FAZÊ-LO VOCÊ
ESTARÁ PARTICIPANDO
DE UM PROGRAMA
DE IMPORTANTÍSSIMAS
CONSEQÜÊNCIAS.
POR EXEMPLO:
O NÚMERO
DE SUBSCRIÇÕES
DE UMA ALA OU
RAMO MOSTRA



O SEU POTENCIAL
DE PROGRESSO.



VOCÊ QUER
ESSE PROGRESSO,
NÃO QUER? ENTÃO
VAMOS INICIAR PELA
LIAHONA!



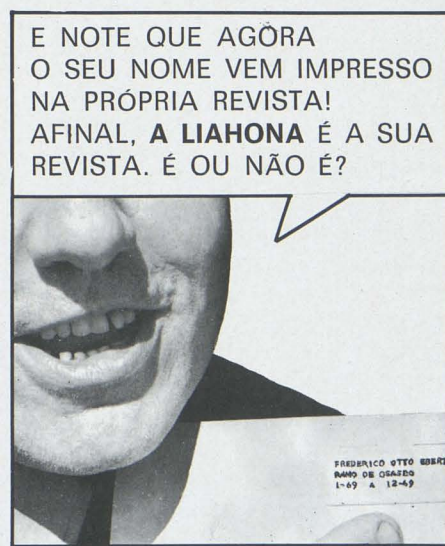
NAS SUAS PÁGINAS
HÁ UM MUNDO
DE COISAS QUE
VOCÊ NÃO ACHARÁ
EM NENHUMA
OUTRA PUBLICAÇÃO!



A LIAHONA CONTRIBUI
PARA O TRABALHO
MISSIONÁRIO
E FORTALECIMENTO
DA IGREJA!



SUBSCREVENDO-A
VOCÊ ESTÁ
COOPERANDO
NESSE ESFÔRÇO!



E NOTE QUE AGORA
O SEU NOME VEM IMPRESSO
NA PRÓPRIA REVISTA!
AFINAL, **A LIAHONA** É A SUA
REVISTA. É OU NÃO É?

FREDERICO OTTO EBERT
RAMO DE GRAZES
1-49 A 12-49

Salvação do Casamento

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

CONSTANTEMENTE retornamos a esta verdade: que o matrimônio e um lar feliz são a base de uma sociedade estável e de uma vida plena e feliz. Mas uma das grandes decepções da vida é que algo que já foi algum dia tão precioso, tão promissor, pode eventualmente transformar-se em tal incompatibilidade — e mesmo inimidade. É como disse o Presidente David O. McKay: “Para um casal que se aqueceu ao sol do amor recíproco, observar as nuvens dos malentendidos e da discórdia obscurecerem essa luz que ilumina suas vidas, é realmente uma tragédia.” Parte da resposta surge numas poucas linhas de autoria de Hubert Howe: “Por que as pessoas não sabem como manter um casamento feliz?” perguntou. “... O que é que se modifica tão acentuadamente?... Homens e mulheres, angustiados, alquebrados, suplicam por um meio de resgatar as esperanças com que iniciaram a jornada... esperanças tão vívidas, tão sagradas... Alguém a quem falar, alguém a quem servir, alguém que precisa de nós, alguém que compartilha... O que conduziu a êsses motivos alegados? Incontáveis conflitos insignificantes... incapacidade de compreender... egoísmo... extravagância... (incapacidade de ser preciso e responsável em questões financeiras)... o hábito do silêncio... falta de interesses (e atividades) comuns... Permitindo que tal alheamento prosiga, logo vocês estarão divorciados em espírito se não legalmente... (Evitem) que cresça a monotonia... Não permitam que seus diálogos desçam ao lúgubre nível da lamúria, da irritação, da auto-comiseração... Não negligenciem o ato, a cortesia... os elogios... com que vocês iniciaram a jornada. Não desapontem... E caso alguém se encontre remoendo o fato de ter fracassado em encontrar o cônjuge perfeito, olhe-se num espelho e pergunte: “Acaso sou eu um cônjuge perfeito?” Pergunte a si mesmo, repetidamente, com insistência: “Estarei contribuindo com minha parte para o lar e a felicidade, na qualidade de parceiro que sou?” Seja qual fôr o motivo, seja o que fôr o requerido, quando duas pessoas dignas e honestas, que possuem caráter e bom senso, contraem matrimônio, salvar o lar, a família, vale qualquer esforço. “Conquistar um amor não basta. É preciso reconquistá-lo constantemente... Em última análise, cabe a você salvar seu casamento.”